Reserva Natural de Santa Luzia
(Cabo Verde)

GUIA ILUSTRADO DA FLORA E VEGETAÇÃO

Isildo Gomes, Carlos Neto, Frédéric Bioret, Maria Manuel Romeiras, Maria Cristina Duarte, José Carlos Costa

Editores

Reserva Natural de Santa Luzia (Cabo Verde)

GUIA ILUSTRADO DA FLORA E VEGETAÇÃO

Isildo Gomes, Carlos Neto, Frédéric Bioret, Maria Manuel Romeiras, Maria Cristina Duarte, José Carlos Costa

Editores

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO - ISA Press

DESIGN - Etnovum - Inovação Social e Ambiente - Francisco Fragoso

FOTOGRAFIAS - Carlos Neto, exceto páginas 71 (Frédéric Bioret) e 83 (José Carlos Costa).

DESENHOS ESQUEMÁTICOS - Carlos Neto

IMPRESSÃO -

ISBN - 978-972-8669-98-0

DEPÓSITO LEGAL -

Lisboa - 2023

CITAÇÃO

Livro: Gomes I., Neto C., Bioret F., Romeiras M.M., Duarte M.C., Costa J.C. (eds.) (2023). Reserva Natural de Santa Luzia (Cabo Verde): Guia Ilustrado da Flora e Vegetação. ISAPress, Lisboa, 103 pp.

CAPÍTULO DO LIVRO

Neto C., Duarte M.C., Gomes I., Bioret F., Romeiras M.M., Costa J.C. 2023. I. Comunidades Vegetais da Ilha de Santa Luzia. *In*: Gomes I., Neto C., Bioret F., Romeiras M.M., Duarte M.C., Costa J.C. (eds.). pp. 11-36. Reserva Natural de Santa Luzia (Cabo Verde): Guia Ilustrado da Flora e Vegetação. ISAPress, Lisboa.

FINANCIAMENTO

Financiado pela FCT/AGAKAN:
Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), I.P. do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal e Aga Khan Development Network (AKDN), no âmbito do projeto "CVAgrobiodiversity/333111699 - Climate changes and plant genetic resources: the overlooked potential of Cabo Verde's endemic flora".

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

AKDN

AGA KHAN DEVELOPMENT NETWORK

AGRADECIMENTOS

CABO VERDE

PORTUGAL

FRANÇA

CONTEÚDOS

Prefácio----9

Nota Introdutória dos Editores----10

Capítulo I. Comunidades Vegetais da Ilha de Santa Luzia.
Carlos Neto, Maria Cristina Duarte, Isildo Gomes, Frédéric Bioret, Maria Manuel Romeiras, José Carlos Costa----11

Capítulo II. Guia Ilustrado da Flora da Ilha de Santa Luzia.
Isildo Gomes, Carlos Neto, Maria Manuel Romeiras, Frédéric Bioret, Samuel Gomes, Silvana Roque, Herculano Dinis, Maria Cristina Duarte, José Carlos Costa----37

AIZOACEAE----44

Aizoon canariense L. ----44

AMARANTHACEAE----45

Suaeda caboverdeana Rivas Mart., Lousã, J. C. Costa & Maria C. Duarte----45

ANACARDIACEAE----46

Searsia albida (Schousb.) Moffett----46

APOCYNACEAE----47

Calotropis procera (Aiton) Dryand.----47

Cynanchum daltonii (Decne.) Liede & Meve----48

ARECACEAE----49

Phoenix atlantica A.Chev.----49

ASPARAGACEAE----50

Asparagus squarrosus J. A. Schmidt.----50

ASTERACEAE----52

Asteriscus daltonii Walp. subsp. vogelii (Webb) Greuter----52

Launaea picridioides (Webb) B. L. Rob.----54

BORAGINACEAE----56

Echium stenosiphon Webb. subsp. *stenosiphon*----56

Heliotropium ramosissimum (Lehm.) Sieber ex DC. ----57

Trichodesma africanum (L.) Sm.----59

CARYOPHYLLACEAE----60

Paronychia illecebroides Webb----60

Polycarpaea caboverdeana Rivas Mart., Lousã, J. C. Costa & Maria C. Duarte----61

Polycarpaea gayi Webb----62

CISTACEAE----63

Helianthemum gorgoneum Webb----63

CUCURBITACEAE----64

Citrullus colocynthis (L.) Schrad----64

EUPHORBIACEAE----65

Euphorbia tuckeyana Steud. ex Webb----65

FABACEAE----67
Lotus bollei Christ----67
Rhynchosia minima (L.) DC.----68
FRANKENIACEAE----69
Frankenia caboverdeana (Brochmann, Lobin & Sunding) Rivas Mart., Lousã, J. C. Costa & Maria C. Duarte----69
Frankenia pseudoericifolia Rivas Mart., Lousã, J. C. Costa & Maria C. Duarte----70
LAMIACEAE----71
Lavandula coronopifolia Poir.----71
MALVACEAE----72
Abutilon pannosum (G. Forst.) Schltdl.----72
Gossypium barbadense L.----73
Waltheria indica L.----74
NYCTAGINACEAE----75
Commicarpus helenae (Roem. & Schult.) Meikle----75
OROBANCHACEAE----76
Cistanche brunneri (Webb) Bég.----76
PLANTAGINACEAE----78
Nanorrhinum elegans (G.Forst.) Ghebr.----78
PLUMBAGINACEAE----79
Limonium brunneri (Webb) Kuntze ----79
POACEAE----81
Aristida cardosoi Cout.----81
Aristida funiculata Trin. & Rupr.----82
Hyparrhenia caboverdeana Rivas Mart., Lousã, J. C. Costa & Maria C. Duarte----83
Sporobolus spicatus (Vahl) Kunth----84
URTICACEAE----85
Forsskaolea procridifolia Webb----85
ZYGOPHYLLACEAE----86
Fagonia cretica L.----86
Fagonia latifolia Delile----87
Tetraena simplex (L.) Beier & Thulin.----89
Tetraena vicentina Rivas Mart., Lousã, J.C. Costa & Maria C. Duarte----91
Tribulus cistoides L.----93
Bibliografia----94

EDITORES

Isildo Gomes, Carlos Neto, Frédéric Bioret, Maria Manuel Romeiras, Maria Cristina Duarte, José Carlos Costa

Isildo Gomes
Investigador no Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário (INIDA) de Cabo Verde.
Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário (INIDA), São Jorge dos Órgãos, CP 84, Santiago, Cabo Verde
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7423-119X
Email: isildo.gomes@inida.gov.cv

Carlos Neto
Professor Associado no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT), Universidade de Lisboa (ULisboa/Portugal) e membro integrado do Centro de Estudos Geográficos (CEG) & "Associate Laboratory TERRA".
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT), Universidade de Lisboa, Rua Branca Edmée Marques, 1600-276 Lisboa, Portugal
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0912-0255
Email: cneto@campus.ul.pt

Frédéric Bioret
Professor Catedrático na Université de Bretagne-Occidentale (UBO) e presidente da "Société Française de Phytosociologie".
Université de Brest, 6 Avenue Victor Le Gorgeu, 29238 Brest, France
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3062-4108
Email: frederic.bioret@univ-brest.fr

Maria Manuel Romeiras
Professora no Instituto Superior de Agronomia (ISA) da Universidade de Lisboa (ULisboa/Portugal) e membro integrado do "LEAF - Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food & Associated Laboratory TERRA". Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa (ACL).
Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa, Portugal
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9373-6302
Email: mmromeiras@isa.ulisboa.pt

Maria Cristina Duarte
Investigadora na Faculdade de Ciências (FCUL) da Universidade de Lisboa (ULisboa/Portugal) e membro integrado do "cE3c - Center for Ecology, Evolution and Environmental Change & Global Change and Sustainability Institute (CHANGE)".
Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, Campo Grande, 1749-016 Lisboa, Portugal
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3823-4369
Email: mcduarte@fc.ul.pt

José Carlos Costa
Professor Associado no Instituto Superior de Agronomia (ISA) da Universidade de Lisboa (ULisboa/Portugal) e membro integrado do "LEAF - Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food & Associate Laboratory TERRA".
Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa, Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa, Portugal
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7619-840X
Email: jccosta@isa.ulisboa.pt

PREFÁCIO

A publicação do livro "Reserva Natural de Santa Luzia (Cabo Verde): Guia Ilustrado da Flora e Vegetação" ocorre na sequência de expedições geobotânicas lideradas por investigadores de Cabo Verde e da Universidade de Lisboa, com objetivo de estudar a vegetação e flora vascular do arquipélago de Cabo Verde. Esta obra constitui mais uma peça na longa e profícua relação científica e cultural entre Portugal, particularmente três Instituições da Universidade de Lisboa [i.e. Instituto Superior de Agronomia (ISA), Faculdade de Ciências (FCUL) e Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT)] e por Cabo Verde, nomeadamente o Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário (INIDA) e a Direção Nacional do Ambiente (DNA) do Ministério da Agricultura e Ambiente de Cabo Verde.

A ilha de Santa Luzia teve uma ocupação humana relativamente fugaz e, desde os anos 60, não tem população residente pelo que tem sido alvo da atração de naturalistas em busca de uma biodiversidade já muito sacrificada noutros pontos do arquipélago. Não surpreende, portanto, os inúmeros projetos de grande magnitude que nela se vêm desenvolvendo, mas que, no entanto, compreendem quase exclusivamente a componente animal. Apesar da sua flora ser relativamente conhecida, não deixou de ser surpreendente a ocorrência de algumas espécies de plantas cuja presença na ilha era, até aqui, desconhecida. O estudo das comunidades vegetais, realizado neste trabalho, constitui um marco importante no projeto de descrição da vegetação da ilha de Santa Luzia iniciado em 1994, com a publicação da "Carta de zonagem agro-ecológica e da vegetação", por Castanheira Diniz e Cardoso de Matos, desta pequena, mas importantíssima, ilha de Cabo Verde.

O bom estado de conservação da vegetação de Santa Luzia permite um avanço significativo na consolidação do modelo global das comunidades vegetais de Cabo Verde, não só no que respeita à composição florística, mas também na sua distribuição. Este avanço torna-se ainda mais importante se tivermos em consideração o peso que o modelo da vegetação de Cabo Verde tem no entendimento da biogeografia do continente africano, principalmente na África tropical árida e semiárida, assim como nos movimentos migratórios da flora e da vegetação que sucederam no topo do Terciário e Quaternário.

Mais do que sobre Santa Luzia, este livro pretende ser uma lente sobre o património florístico de Cabo Verde que poderá ajudar cientistas, residentes e visitantes a entender, respeitar e conservar um património natural de grande valor para a humanidade.

Ana Luísa Soares
Pró-Reitora da Universidade de Lisboa & Prof. Instituto Superior de Agronomia, Portugal

Nora Silva
Presidente do Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário, Cabo Verde

Ethel Rodrigues
Diretora Nacional do Ambiente Ministério da Agricultura e Ambiente, Cabo Verde

NOTA INTRODUTÓRIA DOS EDITORES

A ilha de Santa Luzia, no arquipélago de Cabo Verde, detém um património natural muito particular e de elevado valor para a conservação. Para além de, atualmente, se encontrar desabitada, o facto de não ter sido submetida a pressão antrópica muito significativa no passado permitiu a preservação de uma surpreendente diversidade vegetal, tanto no relativo à flora como à vegetação. O património natural ímpar desta ilha incorpora não só uma imensidão de formas de vida marinhas e terrestres, mas também um geopatrimónio de importantíssimo valor que integra aparelhos vulcânicos, lavas de diferentes época, arribas e plataformas anexas, extensos campos dunares, praias e afloramentos de arenitos consolidados, com raízes fossilizadas, entre outros. O estudo deste património é, sem dúvida, imprescindível para o avanço do conhecimento da história natural desta ilha atlântica.

A primeira parte do livro descreve as comunidades vegetais de Santa Luzia, oferecendo ao leitor uma visão dos ecossistemas únicos que a ilha encerra e que, em muito, concorreram para, juntamente com os ilhéus Branco e Raso, ser reconhecida como Área Protegida – a Reserva Natural de Santa Luzia -.

A segunda parte do livro é dedicada às espécies vegetais que compõem a flora da ilha. De entre a quase centena de espécies presentes, o guia integra quatro dezenas, por mais relevantes e/ou apelativas. É um guia abrangente e valioso para estudantes, turistas e para um público particularmente interessado na conservação da natureza. Profusamente ilustrado, inclui dezenas de imagens das espécies e seus habitats naturais, fornecendo, ainda, informações relativas à sua distribuição mundial e em Cabo Verde, ecologia e habitat onde ocorrem, nomes vulgares e usos tradicionais, bem como referência ao Estatuto de Ameaça de acordo com a classificação da União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN).

Esta obra é, assim, um companheiro de viagem, seja ela real ou imaginária, essencial para todos os que amam a natureza e, especialmente, para aqueles que se deixam envolver pelo fascínio que as paisagens áridas conseguem transmitir.

CAPÍTULO

1

Comunidades vegetais da Ilha de Santa Luzia

Carlos Neto, Maria Cristina Duarte, Isildo Gomes, Frederic Bioret, Maria Manuel Romeiras, José Carlos Costa

O Complexo das Áreas Protegidas de Santa Luzia, constituído pela Reserva Natural de Santa Luzia e Reserva Integral dos ilhéus Branco e Raso, situa-se no barlavento do arquipélago de Cabo Verde, entre São Nicolau e São Vicente **(Figura 1).** Santa Luzia tem uma superfície de 34,27 km^2, uma largura média de 2 km na parte oriental e de 4 km na ocidental, um comprimento de 12 km e uma altitude máxima de 397 m, no Monte Topona. Devido à falta de água, o povoamento da ilha não teve sucesso, estando desabitada desde os anos 60 do século passado. Contudo a sua colonização iniciou-se no séc. XVIII tendo sido habitada por uma pequena comunidade que se dedicava principalmente à agricultura e criação de gado (Melo *et al*., 2015; Roque, 2010). Desse período resultam, possivelmente, algumas plantas introduzidas na ilha, com objetivos medicinais e para alimentação do gado e/ou alimentação humana.

A ilha de Santa Luzia integra a rede de Áreas Protegidas de Cabo Verde (Decreto-lei 03/2003 de 24 de fevereiro). Esta rede abarca um total de 47 áreas protegidas e declara todos os ilhéus, inclusive o Branco e Raso como Reservas Integrais. A ilha de Santa Luzia foi elevada à categoria de Reserva Natural Integral pelo Decreto-lei 40/2003 de 20 de outubro (Roque, 2010).

À exceção da orla do mar da Praia dos Achados, onde se acumulam lixos trazidos pelos ventos e pelas correntes marítimas, as marcas do homem são escassas. Pela sua beleza e singularidade, a Reserva Natural de Santa Luzia preserva uma amostra quase original do património natural e paisagístico do arquipélago de Cabo Verde.

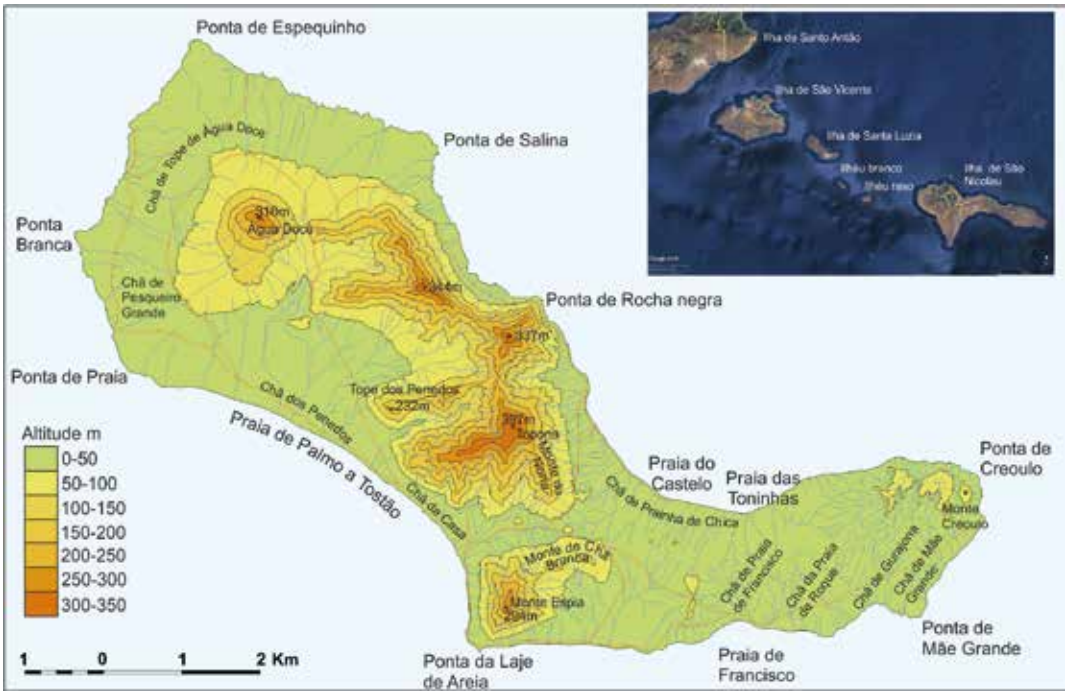


Figura 1. Carta topográfica da Ilha de Santa Luzia.

Extraído e modificado de: Waldir, CC BY-SA 4.0 <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0>, via Wikimedia Commons.

A característica ecológica que mais contribui para as particularidades da flora e vegetação do arquipélago de Cabo Verde é o seu clima. Devido à sua posição relativamente à ITCZ (Inter-tropical Convergence Zone), ocupando o extremo norte da sua zona de oscilação, Cabo Verde apresenta um clima de carácter tropical seco com duas estações marcadas (estação das chuvas e estação seca) que condiciona o modelo de distribuição da sua flora e vegetação. Contudo, a sua condição de ilhas e o relevo contribuem para grandes diferenciações espaciais baseadas na altitude e exposição aos ventos dominantes. As escassas situações em que a ITCZ passa a norte do arquipélago levam à ocorrência de vento sul e à influência de massas de ar tropicais com forte humidade e chuvas intensas (a *West African Monsoon* - WAM), ou então de nordeste transportando massas de ar quente e seca sarianas (o Harmatão) (Chevalier, 1935; Ribeiro, 1954; Amaral, 1964; Ferreira, 1987; Correia, 1996; Costa *et al*., 2017a; Costa *et al*., 2017b; Rivas-Martínez *et al*., 2017). Durante a maior parte do ano, e quase exclusivamente entre dezembro e junho, Cabo Verde está sob a influência do sector oriental da célula de alta pressão subtropical açoriana, que é a origem dos ventos alísios boreais. O curso oceânico da massa de ar e a estrutura vertical são marcados por uma clara inversão térmica, cuja base está, em média, entre os 380 e os 850 m e o topo a cerca de 1400 m, o que favorece a formação de bancos de nuvens estratiformes. A persistência dos bancos de nuvens, que é provocada pela convecção orográfica que ocorre quando o fluxo (maioritariamente ventos alísios) atinge as encostas norte e nordeste em ilhas de maior altitude, suaviza a secura característica do arquipélago. As nuvens dissipam-se rapidamente a sotavento devido ao efeito Föhn, resultando numa clara dissimetria entre as vertentes norte e sul. As áreas de barlavento experimentam um número significativo de dias de neblina relativamente às vertentes sotavento (Neto *et al*., 2020).

Em Santa Luzia torna-se evidente a influência da taxa de interceção provocada pelas colinas que constituem um alinhamento noroeste sudeste. O sector exposto a norte e nordeste apresenta a quase totalidade das populações de plantas com maiores necessidades em água: *Asteriscus daltonii* subsp. *vogelii*, *Launaea picridioides*, *Euphorbia tuckeyana*, *Nanorrhinum elegans* (syn. *Kickxia elegans*), *Cynanchum daltonii*, entre outras **(Figuras 2 e 3)**.

A maior humidade que caracteriza os sectores mais elevados da ilha é, também, evidenciada pela quantidade de líquenes que, em alguns casos, chegam a cobrir quase totalmente as rochas (**Figura 2C**). Alguns tiveram exploração económica no passado como a conhecida urzela (*Roccella tinctoria*) cuja comercialização constituiu um importante negócio no início do século XIX, tendo sido grandemente explorada e exportada para a Europa para tinturaria (Melo *et al*., 2015; Sánchez-Pinto *et al*., 2005). Há relatos da extração de urzela em grandes quantidades, que, de entre os arquipélagos atlânticos onde desde o séc. XV se explorava este líquen (Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde), era a que apresentava melhor qualidade para a produção de tintas (Melo *et al*., 2015). Contudo, o forte declive e as maiores altitudes das áreas de maior abundância deste líquen provocaram grande quantidade de mortos por queda no processo de apanha e transporte.

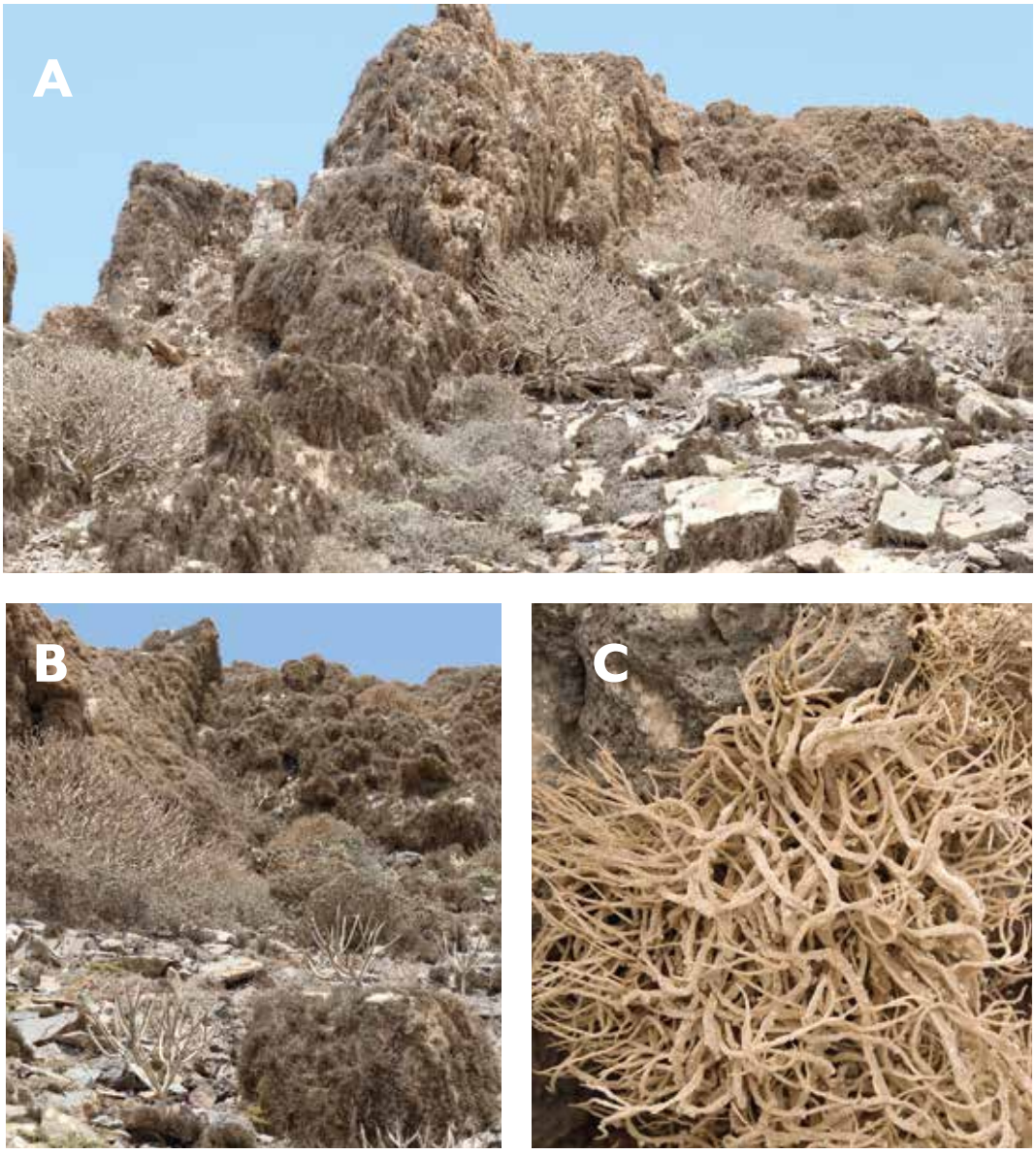


Figura 2. A) Pico da Água Doce (316 m de altitude), correspondendo às manifestações eruptivas mais recentes ocorridas na ilha de Santa Luzia, sendo por isso consideradas contemporâneas das formações recentes de Salamansa, Calhau e Viana na ilha de São Vicente (Gonçalves, 2015); **B)** Populações de *Euphorbia tuckeyana*, *Asteriscus daltonii* subsp. *vogelii* e *Asparagus squarrosus* que formam a paisagem vegetal dominante nos sectores mais elevados da ilha (Topona 397 m, Pico da Água Doce 316 m e Monte da Espia 294 m); **C)** Rochas quase totalmente cobertas por líquenes, entre os quais a urzela (*Roccella tinctoria*) com grande dominância.

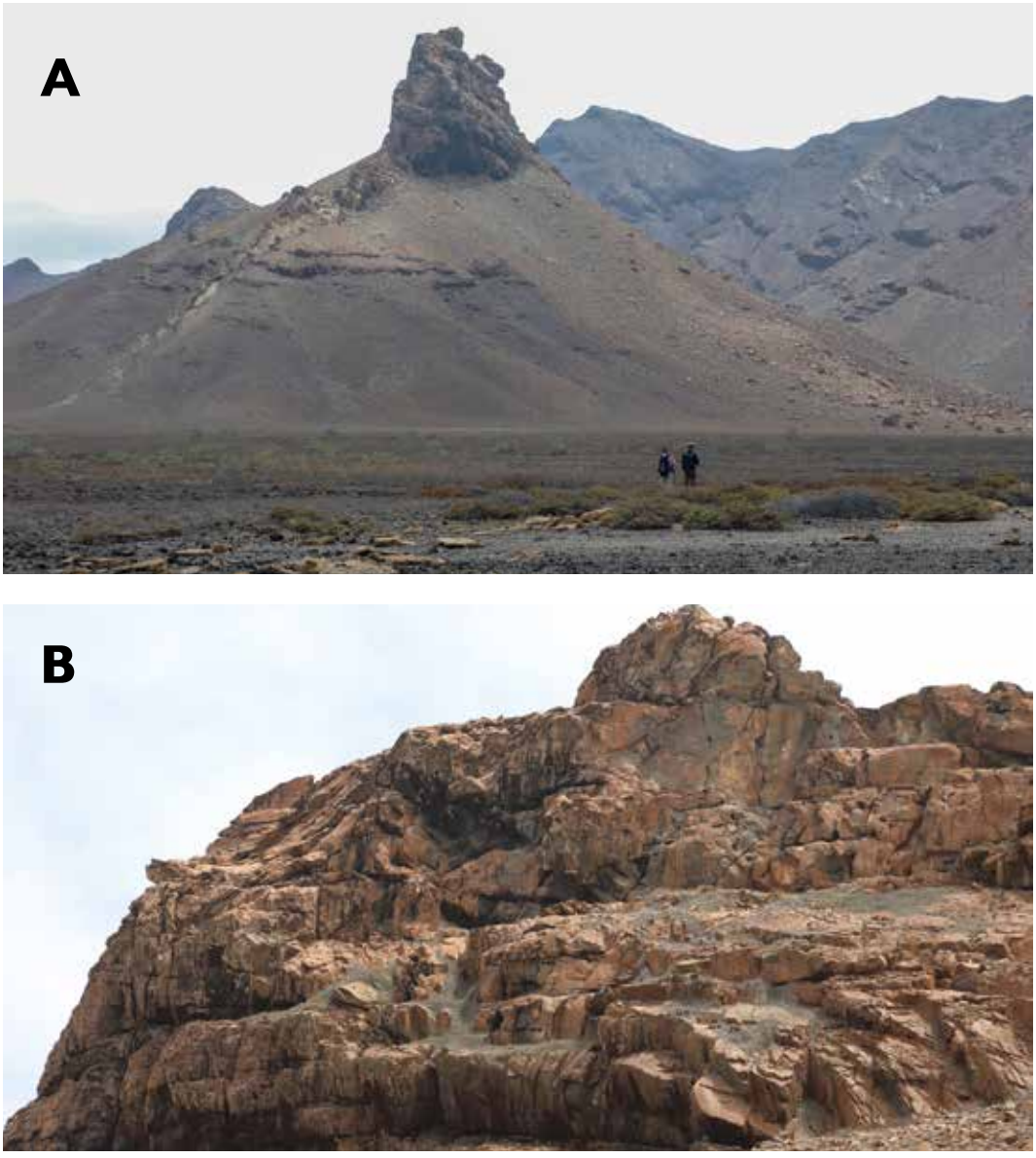
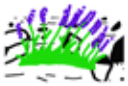


Figura 3. Domo fonolítico (rocha vulcânica alcalina) da Torre dos Penedos (232 m de altitude) visto da Praia de Palmo a Tostão (sector meridional da ilha); **A**) plataforma (formada por corais, conchas e restos das bancadas de arenitos consolidados com cimento calcário), no sector interior da extensa praia arenosa, onde se observa extensa população de *Limonium brunneri*; **B**) paredes rochosas (entre 150 e 232 m de altitude), que constituem o sector mais elevado da Torre dos Penedos, com grande cobertura de *Cynanchum daltonii*, espécie que desenvolve as suas raízes nas fendas das rochas onde consegue maior quantidade de água e algum solo para sobreviver num habitat de condições extremas.

A ilha de Santa Luzia apresenta um conjunto de habitats de características diferenciadas que justificam a distribuição das diferentes comunidades vegetais (**Figuras 4 a 6**).

1. Comunidade casmofítica de *Cynanchum daltonii* (*syn. Sarcostemma daltonii*) e *Nanorrhinum elegans* (*syn. Kickxia elegans*) nos sectores mais elevados da ilha.

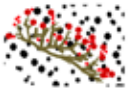
2. Comunidade de leques aluviais dominada por *Lavandula coronopifolia* e *Lotus bollei*.



3. Arrelvado seco, graminóide dominado por *Hyparrhenia caboverdeana* com *Cenchrus ciliaris*, *Stipagrostis uniplumis*.

4. Comunidade das plataformas litorais não sujeitas diretamente aos aerossóis salinos e vertentes de montanhas até 200 m de altitude dominada por *Forsskaolea procridifolia* e *Asparagus squarrosus*.

5. Comunidade de areias eólicas sem grande espessura e não sujeitas diretamente aos aerossóis salinos, dominada por *Asparagus squarrosus* e *Lotus bollei*.



6. Comunidade dominada por *Euphorbia tuckeyana* e *Asteriscus daltonii* subsp. *vogelii* nos sectores mais elevados da ilha, nas plataformas com algum solo.

7. Comunidade aero-halófila em plataformas nas arribas e/ou no sector dos planaltos litorais de contacto com as arribas, dominada por *Tetraena vicentina*, *Frankenia pseudoericifolia, Sporobolus spicatus.*

8. Comunidade de plantas anuais de grande dispersão com *Tetraena simplex, Fagonia latifolia, Aizoon canariensis*

9. Comunidade de líquenes nas paredes rochosas dos sectores mais elevados.

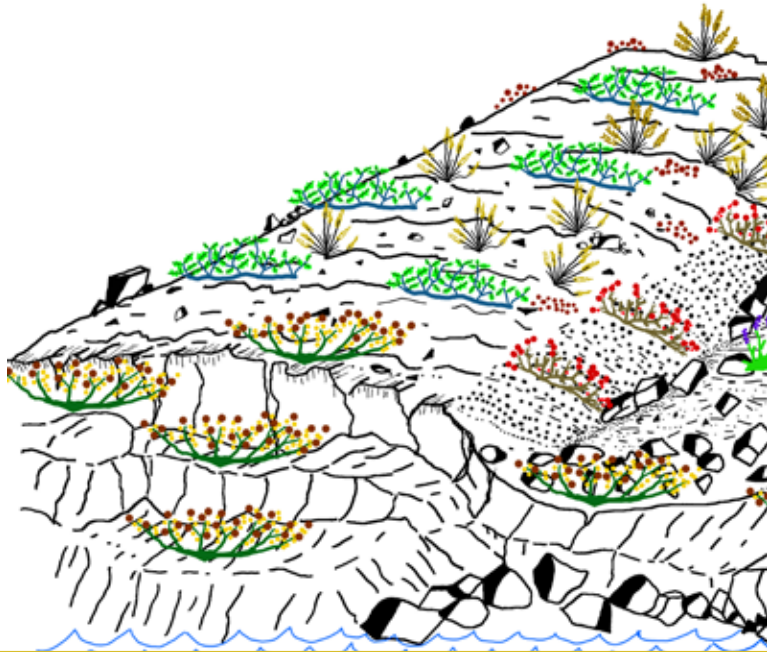


Figura 4

Para além dos sectores de maior altitude onde estão acantonados os elementos florísticos mais exigentes em humidade e com menor tolerância às elevadas temperaturas e/ou halofília dos territórios mais próximos do mar, a ilha apresenta extensas plataformas litorais recortadas por cursos de água efémeros preenchidos por sedimentos de granulometria heterogénea, reveladores de regime torrencial nos anos em que a época das chuvas se mostra favorável (**Figura 4 e 5**).

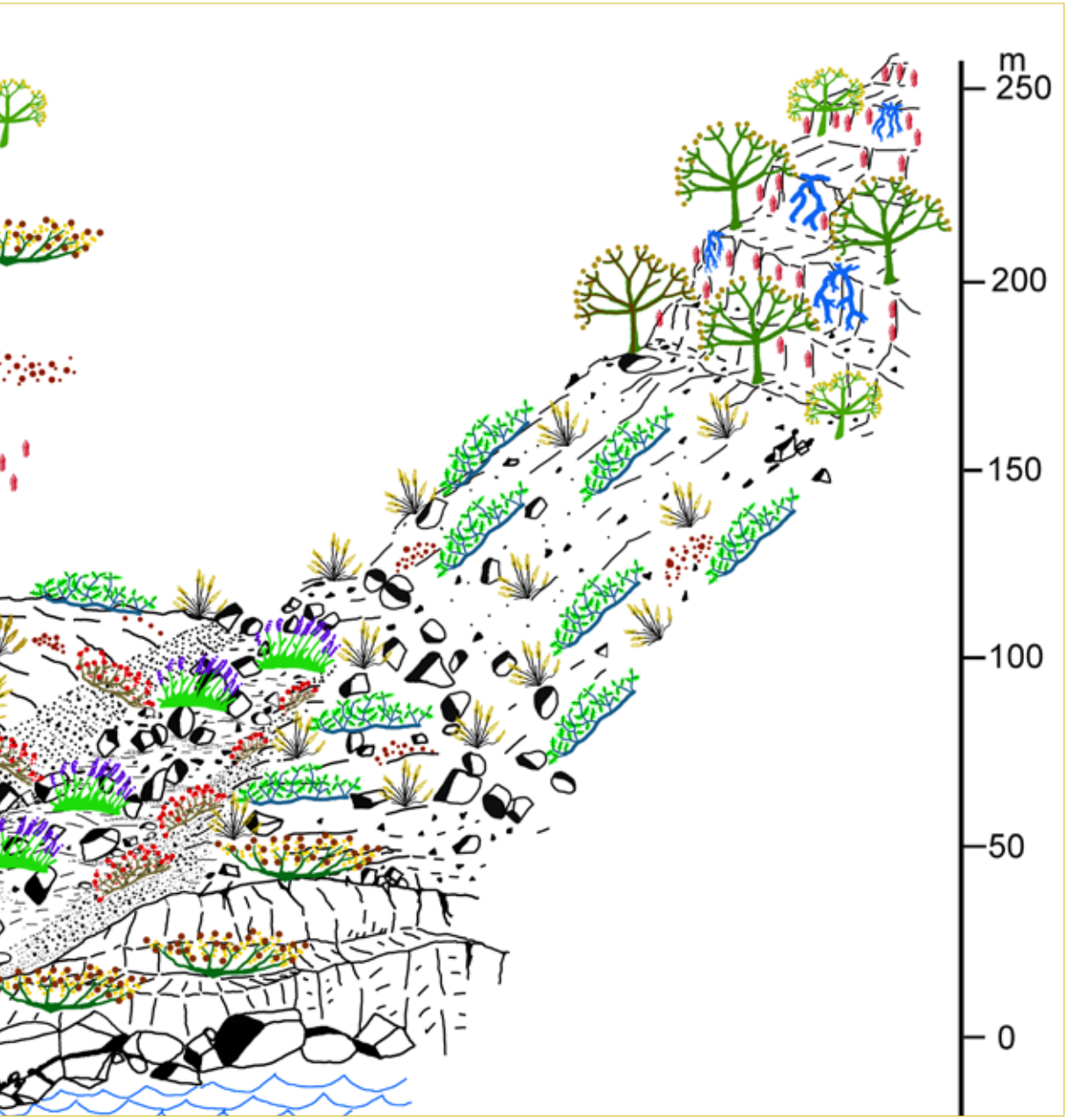


Figura 4. Esquema representativo das comunidades vegetais da ilha de Santa Luzia.
1 - Comunidade casmofítica de paredes rochosas talhadas em rochas vulcânicas dominada por *Cynanchum daltonii* e *Nanorrhinum elegans*, que ocorre nos sectores mais elevados da ilha de Santa Luzia. Trata-se de uma comunidade vicariante do *Cocculo pendulae- Sarcostemmetum daltonii* Rivas-Martínez, Lousã, J.C. Costa & M.C. Duarte 2017, descrito para a ilha de Santiago. Pertence à classe *Cocculo penduli-Sarcostemmetea daltonii* Rivas-Martínez, Lousã, J.C. Costa & M.C. Duarte 2017, a qual reúne as comunidades climatófilas arbustivas, frequentemente suculentas, e savanas caducifólias nano-microfanerófitas abertas, desérticas a xéricas, infra a supratropicais e hiperáridas a sub-húmidas de Cabo Verde (Rivas-Martínez *et al*., 2017).

2 - Comunidade de leques aluviais e/ou fundos de barrancos com aluviões (material cascalhento e heterométrico) com alguma areia eólica, dominada por *Lavandula coronopifolia e Lotus bollei.*

3 - Arrelvado seco, graminóide, vivaz caracterizado pela presença do importante endemismo cabo-verdiano *Hyparrhenia caboverdeana* acompanhado por *Cenchrus ciliaris, Stipagrostis uniplumis, Lotus bollei e Lavandula coronopifolia, entre outros.* Ocupa as plataformas lávicas litorais (chãs) nas pequenas cavidades ocupadas por sedimentos. Pertence à classe *Heteropogonetea contorti* Rivas-Martínez, Lousã, J.C. Costa & M.C. Duarte 2017 a qual configura uma savana graminóide de pequeno a médio porte com escassas árvores de pequeno porte ou arbustos. Ocorre na África Ocidental Tropical em bioclima desértico e xérico, infra a mesotropical inferior hiper-árido a seco (Rivas-Martínez *et al*., 2017).

4 - Comunidade própria de plataformas litorais não sujeitas diretamente aos aerossóis salinos e vertentes de montanhas até 200 m de altitude dominada por *Forsskaolea procridifolia e Asparagus squarrosus.*

5 - Comunidade de areias eólicas sem grande espessura e não sujeitas diretamente aos aerossóis salinos dominada por *Asparagus squarrosus e Lotus bollei*. Ocorre em acumulações de areias transportadas pelo vento e canalizadas pelos barrancos onde constituem os taludes laterais.

6 - Comunidade dominada por *Euphorbia tuckeyana e Asteriscus daltonii* subsp. *vogelii* nos sectores mais elevados da ilha, nas plataformas com algum solo.

7 - Comunidade aero-halófila que coloniza pequenas acumulações de areias em plataformas nas arribas e/ou no sector dos planaltos litorais de contacto com as arribas sujeitas diretamente aos aerossóis salinos com *Tetraena vicentina, Frankenia pseudoericifolia, Sporobolus spicatus*.

8 - Comunidade de plantas anuais de grande dispersão com *Tetraena simplex, Aristida cardosoi, Fagonia latifolia, Aizoon canariense, Aristida funiculata*, entre outras, pertencente à classe *Tetraenetea simplicis* Rivas-Martínez, Lousã, J.C. Costa & M.C. Duarte 2017. Esta classe reúne comunidades graminóides, efémeras, xeromórficas, próprias de savanas em bioclima tropical xérico, infra-termotropical hiperárido a semi-árido (maioritariamente árido).

9 - Comunidade de líquenes nas paredes rochosas dos sectores mais elevados sujeitos a elevadas taxas de interceção de nevoeiros.

As plataformas litorais apresentam uma extensão marcante e estão presentes principalmente nos sectores noroeste e ocidental correspondendo a extensos campos de lava associados à fase mais recente da construção da ilha (Gonçalves, 2015). Estas plataformas (planaltos) desenvolvem-se entre o sopé das montanhas e as arribas ou praias arenosas e/ou de calhaus (**Figura 7 e 8**) e encontram-se frequentemente cobertas por leques aluviais e/ou areias eólicas que permitem a existência de alguma humidade, fundamental na sobrevivência das espécies vivazes. Nas arribas, muito influenciadas pela ondulação e pelos aerossóis salinos, a flora é escassa e resume-se a pequenas enseadas abrigadas nas quais *Tetraena vicentina* contrasta com o negro do basalto, por vezes acompanhada por *Sporobolus spicatus* e *Tetraena simplex*. Nas plataformas rochosas basálticas anexas (planaltos litorais), a vegetação acantona-se quase exclusivamente nas coberturas arenosas e/ou nos cursos de águas efémeros de carácter torrencial (**Figura 8**) cujo fundo apresenta grande heterometria de material (areia, cascalho, blocos) embora a percentagem de areia seja sempre elevada.

1- *Lavandula coronopifolia*. Forma uma comunidade com *Hyparrhenia caboverdeana* que coloniza os fundos aluviais de barrancos de cursos de água de regime torrencial.

2 - *Hyparrhenia caboverdeana.*

3 - *Tetraena vicentina.*

4 - *Lotus bollei.*

5 -Polycarpaea *caboverdeana.*

6 - *Tetraena simplex*. Dominante nas comunidades anuais em conjunto com *Aizoon canariense*.

7 - Dunas de areia calcária canalizada pelos barrancos e depositada nos seus sectores laterais.

8 - Depósitos aluviais de carácter torrencial depositados no fundo dos barrancos. Estes depósitos heterométricos comportam sempre uma componente arenosa eólica.

9 - Depressões (fendas) no campo de lavas cujo fundo está preenchido por areias eólicas.

10 - Lavas. Em geral as plataformas litorais são constituídas por lavas relativamente recentes, frequentemente cobertas por leques aluviais de grande pedregosidade.

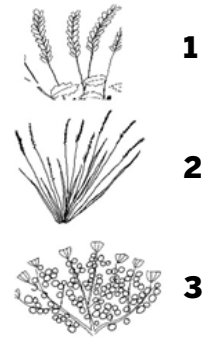
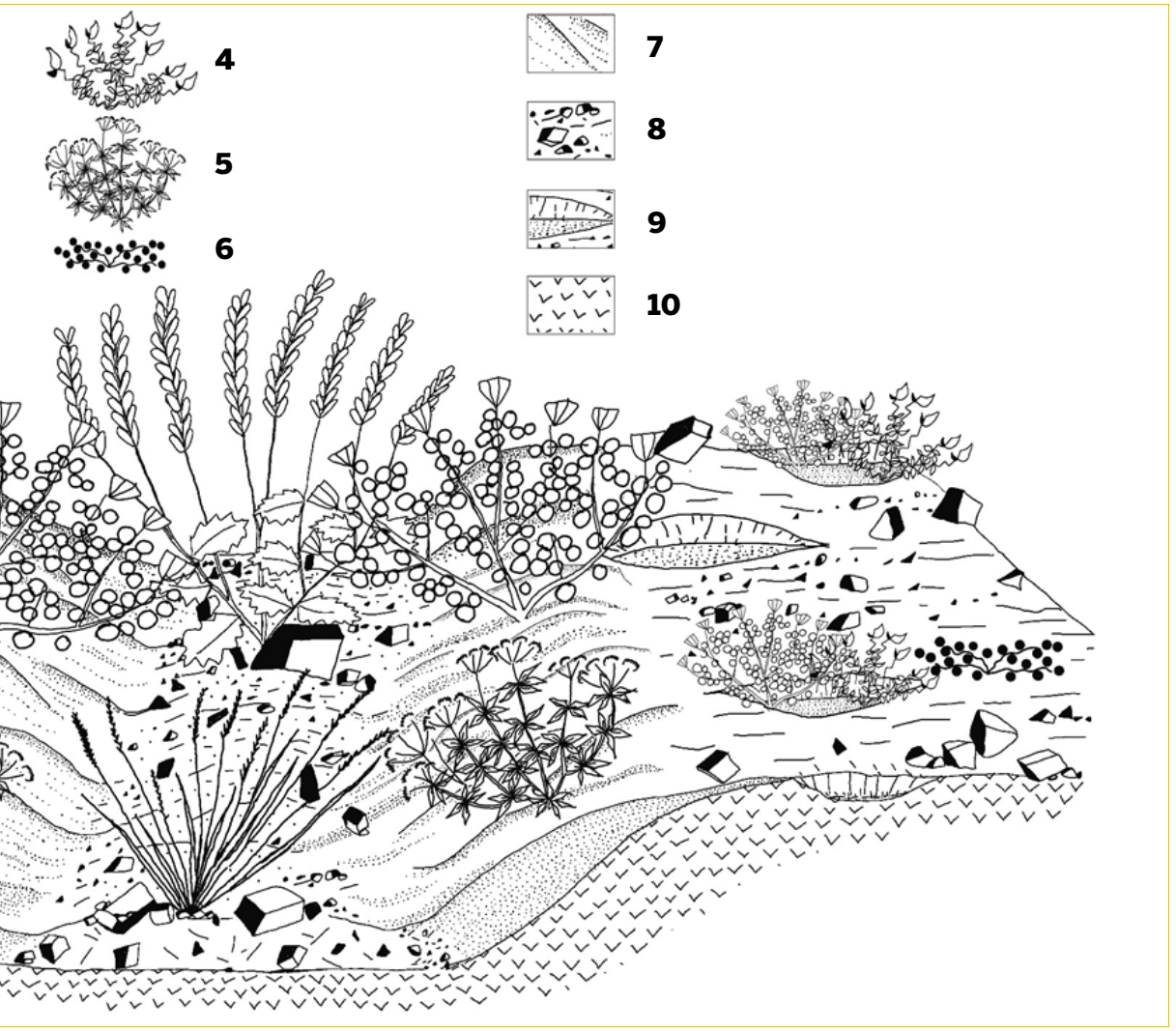


Figura 5. Esquema representativo da distribuição das comunidades vegetais nos leitos torrenciais dos cursos de água efémeros que sulcam (abarrancam) as plataformas litorais planálticas (chãs). O fundo destes barrancos encontra-se preenchido por sedimentos heterométricos de transporte torrencial, colonizados por uma comunidade dominada por *Lavandula coronopifolia*, *Hyparrhenia caboverdeana, Lotus bollei* e *Heliotropium pterocarpum*, entre outras. Nos sectores laterais destes barrancos, verifica-se, com frequência, a acumulação de areias eólicas transportadas a partir do litoral. O vento é acelerado nestes barrancos e sofre uma expansão lateral nas vertentes depositando parte da sua carga. Estas areias criam um habitat favorável à manutenção da humidade em profundidade de forma a poder ser aproveitada pelas plantas durante os longos períodos de estiagem. Assim, estes taludes arenosos são colonizados por uma comunidade vegetal dominada por *Polycarpaea caboverdeana, Tetraena vicentina, Asparagus squarrosus* e



Lotus bollei, entre outros. Mais próximo do oceano a dominância de areia nestes barrancos torna-se maior, o que associado à influência aos aerossóis marinhos aumenta a dominância de *Tetraena vicentina* e a entrada de *Suaeda caboverdeana*. Nestas situações *Polycarpaea caboverdeana, Asparagus squarrosus* e *Lotus bollei* não ocorrem formando-se uma comunidade quase exclusiva de *T. vicentina* e S. *caboverdeana* (ver **Figura 6**) acompanhados com frequência por *Sporobolus spicatus*.

1 - *Polycarpaea caboverdeana.* Ocorre em areias relativamente próximas do litoral em associação com *Lotus bollei, Cistanche brunneri, Tetraena vicentina* e *Suaeda caboverdeana.*

2 - *Lotus bollei.*

3 - *Tetraena vicentina.* A maior proximidade do litoral faz desaparecer *Polycarpaea caboverdeana, Lotus bollei* e *Cistanche brunneri* constituindo-se uma comunidade dominada por *Tetraena vicentina* e *Suaeda caboverdeana.*

4 - *Cistanche brunneri.* Espécie psamófita parasita de *Suaeda caboverdeana* e *Tetraena vicentina.*

5 - *Suaeda caboverdeana.* Dominante nas dunas mais próximas do mar com *Tetraena vicentina* e, por vezes, *Sporobolus spicatus.*

6 - *Sesuvium portulacastrum* subsp. *persoonii.* Espécie que ocorre na praia arenosa em zonas já sujeitas a inundação durante a maré alta.

7 - *Tetraena simplex.* Dominante nas comunidades anuais nos sectores mais baixos da ilha em conjunto com *Aizoon canariense.*

8 - Dunas de areia calcária.

9 - Lava.

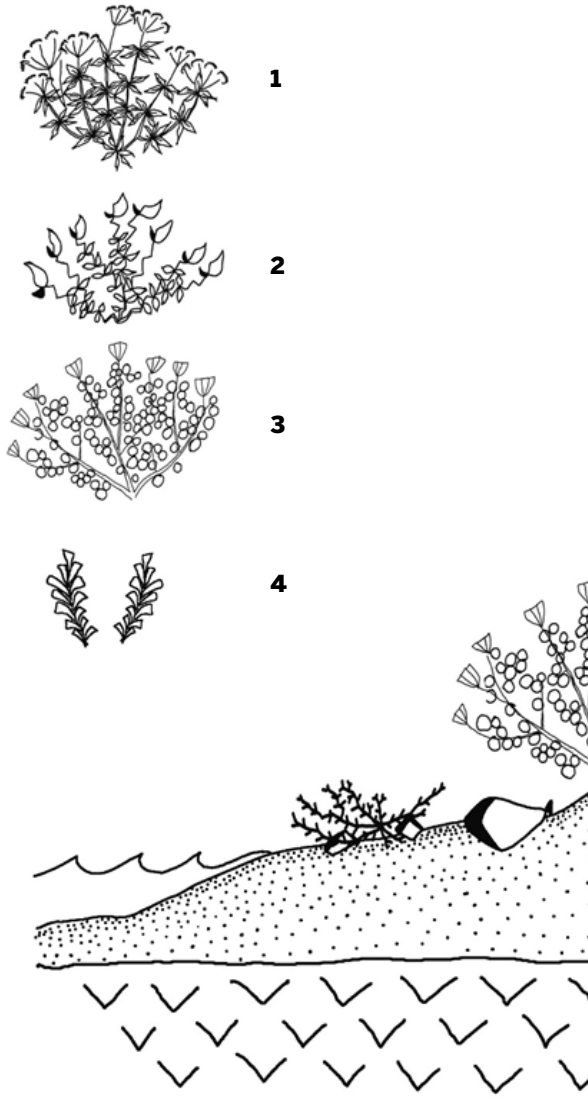
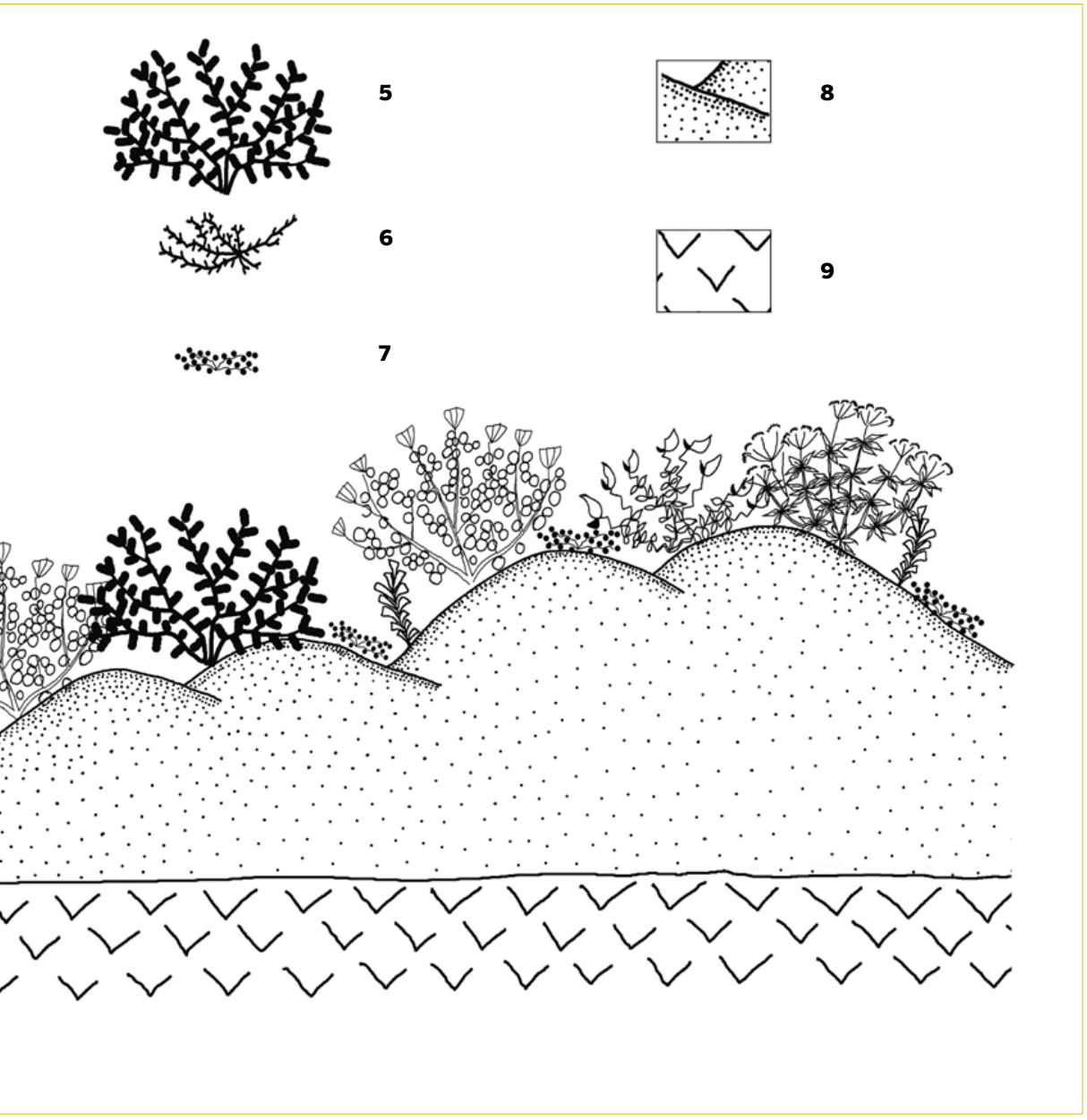


Figura 6. Esquema representativo da distribuição das comunidades dunares (duna de areia calcária) na ilha de Santa Luzia. Nas areias sujeitas à inundação pelo mar ocorrem comunidades halo-nitrófilas dominadas por *Sesuvium portulacastrum* subsp. *persoonii*. Nas primeiras dunas verifica-se uma dominância quase exclusiva de *Tetraena vicentina* e *Suaeda caboverdeana*. Mais



para o interior as condições tornam-se favoráveis à entrada de outras plantas como *Polycarpaea caboverdeana, Lotus bollei, Cistanche brunneri* e *Tetraena vicentina*, entre outras. Uma comunidade de anuais efémeras, dominada por *Tetraena simplex*, ocorre nos espaços entre os arbustos da comunidade vivaz anterior.

Figura 7. Os cursos de água efémeros apresentam água na época das chuvas, nos anos em que esta ocorre, sendo vulgar a sucessão de anos consecutivos sem ocorrência de escoamento. Como as chuvas são de origem convectiva, apresentam com frequência carácter torrencial, gerando torrentes de grande poder energético, embora de curta duração. A presença de vegetação nestes fundos arenosos e/ou areno/cascalhentos deve-se ao efeito de abrigo relativamente ao vento e principalmente à retenção de água que a textura arenosa permite por oposição às texturas argilosas e/ou limosas. Nestes habitats observa-se, com frequência, *Lotus bollei, Sporobolus spicatus, Suaeda caboverdeana, Tetraena vicentina, Tetraena simplex, Polycarpaea caboverdeana, Frankenia pseudoericifolia* e *Heliotropium ramosissimum*.

Figura 8. Paisagem observada a partir do domo fonolítico da Torre dos Penedos, a meio da vertente com depósitos de gravidade resultantes da destruição do referido domo e filões anexos. Observa-se a extensa área plana, que se desenvolve entre o domo fonolítico e o mar, coberta por leques aluviais e areias calcárias e, menos vezes, basálticas e calhaus basálticos polidos pelas areias transportadas pelo vento (ventifactos). Estas extensas áreas planas são localmente designadas "chãs" e ocupam extensas áreas litorais em toda a ilha **(Figura** 1). Próximo da praia verifica-se a presença de bancadas de arenitos com cimento calcário (ver **Figura 10**) que, para o interior, estão cobertas por leques aluviais e depósitos eólicos.

Das paisagens vegetais, as de maior originalidade e valor para a conservação são os extensos campos dunares presentes principalmente no sector oriental da ilha (Praia do Castelo e Praia das Toninhas). Trata-se de um campo dunar que, do ponto de vista morfológico e da flora e da vegetação, apresenta poucas marcas de perturbação antrópica. Nele podem-se observar formas de acumulação de areias (diversos tipos de dunas), morfologicamente ainda pouco ou nada alteradas pelo homem, constituindo uma raridade a nível mundial. São surpreendentes as acumulações de carbonatos em antigas raízes por onde as águas ricas em cálcio se infiltraram originando formas moldadas pelo formato das raízes das plantas que aí existiram no passado. Estes campos de "raízes calcificadas" (rizoconcreções) são impressionantes pela área ocupada e pela dimensão das formas. Trata-se de memórias de tempos em que os valores de precipitação superior aos atuais (Neto *et al*., 2020) permitia a ocorrência deste fenómeno. Estas estruturas ainda "praticamente intocadas" são de grande valor científico tendo em conta a investigação sobre a história natural desta ilha, pelo que deveriam ser consideradas como geopatrimónio de proteção especial dado que facilmente podem ser destruídas.

As dunas da Praia do Castelo e Praia das Toninhas constituem o habitat de importantes populações de plantas endémicas de Cabo Verde. *Tetraena vicentina*, *Suaeda caboverdeana, Polycarpaea caboverdeana* e *Lotus bollei* constituem quatro importantes endemismos caboverdeanos construtores e estabilizadores de dunas. Ainda nas dunas é impressionante a população de *Cistanche brunneri*, parasita de *Tetraena vicentina* e/ou *Suaeda caboverdeana* (**Figura 9**).

Outro habitat de grande interesse geopatrimonial e em termos de flora e vegetação respeita aos inúmeros afloramentos de arenitos consolidados (acumulações arenosas eólicas carbonatadas). Em alguns casos, a estratificação observada comprova uma deposição eólica dos sedimentos em ambiente aéreo e posterior atuação dos processos diagenéticos e pedogenéticos que levaram à carbonatação e formação dos eolianitos (acumulações arenosas eólicas carbonatadas). Pela sua relevância em termos de geodiversidade e pela sua importância como indicadores paleoclimáticos e paleoambientais estas formações geológicas apresentam grande interesse científico. Nestas formações geológicas ocorre uma população de um importante endemismo cabo-verdiano *Limonium brunneri*. As populações em Santa Luzia ocorrem em eolianitos em diversos pontos principalmente associados à Praia do Castelo, no sector interior da Praia de Palmo a Tostão, numa plataforma de acumulação de conchas, corais e calhaus de arenitos consolidados, atingida apenas pelo mar durante as marés equinociais quando coincidindo com tempestades. Esta plataforma contém inúmeros fragmentos de arenitos consolidados com cimento calcário provenientes do nível de praia levantada (nível de praia 12-15m) na Chã da Ribeira de Tate (**Figura 10 e 11**).

Figura 9. Areias formadas, maioritariamente, por fragmentos de conchas, corais e grãos de calcário, entre outros, muitos dos quais são o resultado da destruição de níveis de praia antigos, que formam bancadas de arenitos consolidados com cimento calcário. As areias são transportadas pelos ventos do quadrante norte a partir das praias setentrionais (Praia do Castelo e Praia das Toninhas) para sul, entre os relevos Monte da Espia, Monte da Chã Branca, Monte do Norte (sector central da Ilha) e o Monte Creoulo (sector oriental da ilha, considerado a parte mais antiga, resultante de vulcanismo ainda submarino). Estas areias, assim transportadas, dão origem a extensas coberturas arenosas, em regra de fraca espessura, e já no sector sul alimentam a Praia de Francisco e a Praia de Roque. Na Praia do Castelo e na das Toninhas as dunas apresentam uma altura em regra maior do que 1,5 m e a tipologia dominante são as dunas em forma de cauda de cometa.

Figura 10. Praia de Palmo a Tostão, onde são visíveis alguns blocos de arenitos de areias calcárias, correspondentes à erosão do nível de praia antiga. Estes restos das bancadas areníticas de sedimentos calcários, destruídos pelo mar, formam pequenas plataformas colonizadas por populações de *Limonium brunneri* acompanhado por *Suaeda caboverdeana, Frankenia caboverdeana* e *Polycarpaea caboverdeana*, entre

outras.

1- Comunidade de *Suaeda caboverdeana* e *Polycarpaea caboverdeana* nas dunas móveis de areia constituída por grãos resultantes da erosão das bancadas de arenitos calcários.
2 - Comunidade de *Limonium brunneri* e *Frankenia pseudoericifolia* em arenitos calcários, praias antigas e restos de praias antigas sujeitas diretamente aos aerossóis salinos.
3 - Comunidade de *Hyparrhenia caboverdeana, Lotus bollei* e *Lavandula coronopifolia.*
4 - Comunidade de plantas anuais (terófitos fugazes) dominada por *Tetraena simplex, Aristida funiculata, Aizoon canariensi* e *Fagonia latifolia,* entre outras.
5 - Comunidade de plantas anuais (terófitos fugazes) dominada por *Sesuvium portulacastrum* subsp. *persoonii* que coloniza as dunas de areias calcárias muito próximas do mar (sujeitas à influência direta da água do mar durante as marés vivas).

a. Areia dunar calcária. Partículas resultantes de arenitos calcários, conchas, corais, fragmentados em grãos posteriormente movimentados pelo vento e acumulados em dunas. Em regra, esta areia tem como fonte primária níveis de praia antigos frequentemente constituídos por arenitos calcários com restos de conchas, corais, búzios, etc.

b. Restos de praia antiga. Acumulação de pequenos blocos de arenitos calcários de praia antiga, progressivamente desmantelada pela erosão.

c . Praia antiga formada por bancadas areníticas calcárias com conchas, corais e búzios, entre outros.

d. Leques aluviais. Materiais resultantes do escoamento torrencial em rede hidrográfica desorganizada e/ou escoamento laminar de carácter torrencial. Estas aluviões apresentam material heterométrico (resultado de transporte torrencial associada aos episódios de chuva muito intensa que, muito esporadicamente, sucede na época das chuvas) que varia desde material argilo-siltoso até cascalho e blocos.

e. Manto lávico que forma o esqueleto rochoso das plataformas litorais (planaltos litorais) sulcado por barrancos preenchidos por material aluvial de carácter torrencial. Sobrepostos a estas plataformas lávicas encontram-se leques aluviais, areias eólicas, em regra de fraca espessura, e, próximo do litoral, praias antigas e campos dunares de areia calcária.

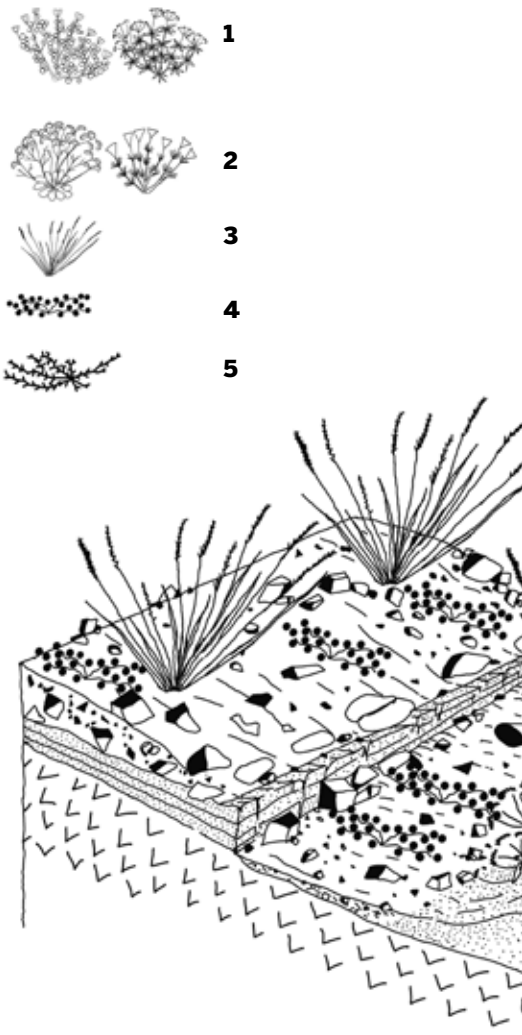
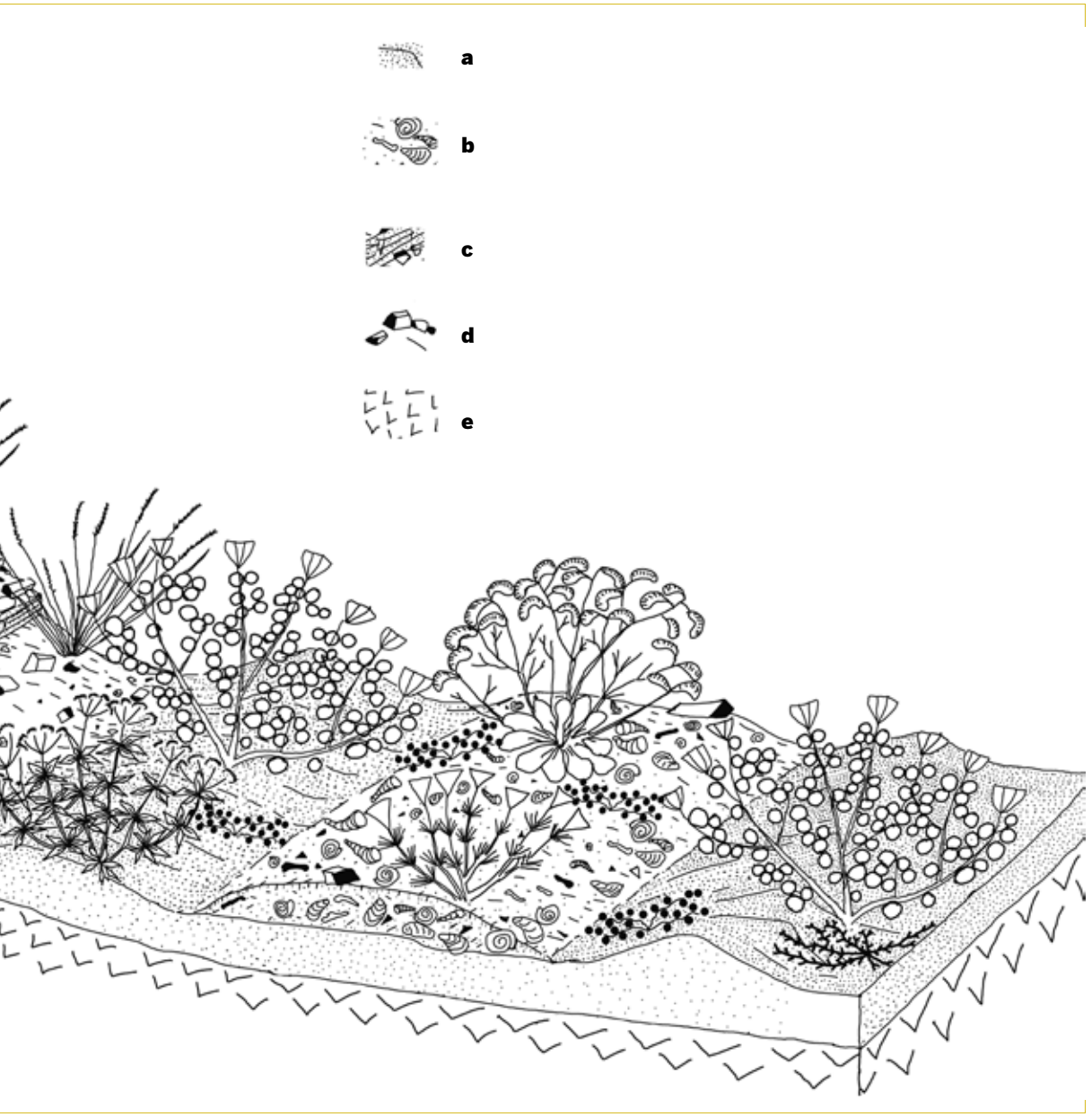


Figura 11. Esquema representativo das comunidades vegetais presentes na Praia de Palmo a Tostão desde a praia marítima até às plataformas lávicas litorais.
1. Comunidade de *Suaeda caboverdeana* e *Polycarpaea caboverdeana* nas dunas móveis de areia, constituídas por grãos resultantes da erosão das bancadas de arenitos calcários correspondentes ao nível de praia antiga. Estas areias calcárias correspondem aos restos de conchas, corais, búzios, etc. partidos em



pequenos grãos e transportados pelo vento. Esta comunidade é simultaneamente psamófila, halófila e basófila. A sua presença é recorrente noutros sectores da ilha com habitats semelhantes como na Praia do Castelo e/ou Praia dos Achados e Ponta Branca. Ocorre, ainda, noutras ilhas como São Vicente (Baía Norte, Praia Grande).

2. Comunidade de *Limonium brunneri* e *Frankenia pseudoericifolia* que ocorre em arenitos calcários, praias antigas e restos de praias antigas semidestruídas, sujeitas diretamente aos aerossóis salinos. No caso da Praia de Palmo a Tostão, a população de *Limonium brunneri* ocorre no sector interior da praia onde se acumulam restos da praia antiga presente um pouco mais para o interior. Este nível de praia antiga (10-12 m) está a ser erodido pelas torrentes de água quando chove de forma torrencial. A torrente de água transporta os fragmentos da bancada arenítica, que se desprendem, os quais se acumulam junto a praia, constituindo-se o habitat potencial do *Limonium brunneri*. Embora de forma mais fugaz, esta comunidade está presente noutros sectores da ilha com habitat semelhante (praias antigas com materiais calcários) nomeadamente em pequenos sectores da Praia do Castelo.

3. Comunidade de *Hyparrhenia caboverdeana*, *Lotus bollei*, *Lavandula coronopifolia* que coloniza os depósitos aluviais que cobrem as plataformas lávicas litorais (chãs). Esta comunidade é dominante nas plataformas meridionais da ilha, onde a aridez é muito significativa, e ocupa predominantemente as linhas de água temporárias que sulcam estas plataforma litorais. Os fundos planos destes barrancos que sulcam as plataformas litorais (planálticas) apresentam o fundo atapetado por materiais detríticos de calhaus angulosos de dimensão diversa (desde areias a blocos) denotando transporte torrencial. A este material aluvial juntam-se areias eólicas transportadas a partir do litoral principalmente do sector setentrional da ilha para o sector meridional acompanhando os ventos dominantes.

4. Comunidade de plantas anuais (terófitos fugazes) dominada por *Tetraena simplex*, *Aristida funiculata*, *Aizoon canariensis* e *Fagonia latifolia*, entre outras. Esta comunidade é extremamente vulgar nas plataformas lávicas litorais (chãs) que ocupam grande extensão nos sectores ocidental, setentrional e meridional. A sua presença é dominante quando da ocorrência de chuvas, que ocorrem esporadicamente nos meses de agosto e setembro, mas que, mais raramente, podem ocorrer nos meses de janeiro ou fevereiro. Esta comunidade está presente, também, em grandes extensões nos sectores mais baixos das ilhas de São Vicente, Santiago, Sal, Boavista, São Nicolau e Fogo principalmente onde existe cobertura arenosa, ainda que pelicular, sobreposta às plataformas lávicas.

5. Comunidade dominada por *Sesuvium portulacastrum* subsp. *persoonii* , que coloniza as dunas de areia calcária muito próximas do mar (sujeitas à influência direta da água do mar durante as marés vivas e tempestades). Pode ser acompanhada esporadicamente por *Tetraena simplex* e *Aizoon canariensis*. Trata-se de uma comunidade pioneira, halófila, sujeita ao enterramento devido ao movimento das areias e à influência direta da água do mar. Nos litorais arenosos constitui, frequentemente, a primeira comunidade a colonizar as dunas mais próximas do mar.

CAPÍTULO

2

Guia Ilustrado da Flora da Ilha de Santa Luzia

Isildo Gomes, Carlos Neto, Maria Manuel Romeiras, Frédéric Bioret, Samuel Gomes, Silvana Roque, Herculano Dinis, Maria Cristina Duarte, José Carlos Costa

A flora espontânea da ilha de Santa Luzia (incluindo os ilhéus Raso e Branco) é relativamente reduzida, estimando-se a presença de quase uma centena de taxa (nativos ou introduzidos naturalizados) pertencentes a 33 famílias (Tabela 1). Salienta-se a presença de 21 taxa endémicos. A percentagem de espécies introduzidas é relativamente baixa (cerca de 10%), o que é assinalável face ao elevado número de taxa introduzidos que caracteriza as restantes ilhas do arquipélago de Cabo Verde. O facto de a ilha ser desabitada e ter sido pouco sujeita a ações antrópicas justificará este facto.

Tabela 1. Espécies presentes na flora de Santa Luzia, respetivas famílias e origem em Cabo Verde (i.e., nativas ou introduzidas naturalizadas). Optou-se, geralmente, pela nomenclatura usada em WFO (2022), embora pontualmente os critérios usados noutras bases de dados (e.g., POWO 2022) e no trabalho de Rivas-Martínez *et al*. (2017) tenham sido adotados. Para alguns taxa são incluídos alguns dos sinónimos mais comumente mencionados na literatura botânica relativa ao arquipélago.

Família	Origem	Taxa e principais sinónimos em Cabo Verde
Aizoaceae	N	*Aizoon canariense* L.
Aizoaceae	N	*Sesuvium portulacastrum* (L.) L. subsp. *persoonii* Sukhor.
Amaranthaceae	N	*Achyranthes aspera* L.
Amaranthaceae	N	*Aerva javanica* (Burm.f.) Juss. ex Schult.
Amaranthaceae	N	*Amaranthus graecizans* L. subsp. *graecizans*
Amaranthaceae	N	*Chenopodiastrum murale* (L.) S.Fuentes, Uotila & Borsch *(=Chenopodium murale L.)*
Amaranthaceae	N	*Patellifolia patellaris* (Moq.) A.J. Scott, Ford-Lloyd & J.T. Williams inc. *Patellifolia procumbens* (C. Sm. ex Hornem.) A.J. Scott, Ford-Lloyd & J.T. Williams
Amaranthaceae	N	*Suaeda caboverdeana* Rivas Mart., Lousã, J.C. Costa & Maria C. Duarte (=*Suaeda vermiculata* auct. cabov. non Forssk. ex J.F. Gmel.)

Anacardiaceae	I	*Searsia albida* (Schousb.) Moffett *(=Rhus albida* Schousb.)
Apocynaceae	N	*Calotropis procera* (Aiton) Dryand.
Apocynaceae	E	*Cynanchum daltonii* (Decne.) Liede & Meve *(=Sarcostemma daltonii* Decne.)
Apocynaceae	E	*Periploca chevalieri* Browicz
Arecaceae	E	*Phoenix atlantica* A.Chev.
Arecaceae	I	*Phoenix dactylifera* L.
Asparagaceae	E	*Asparagus squarrosus* J.A. Schmidt *(=Asparagus vicentinus Welw. ex Cout.)*
Asteraceae	E	*Asteriscus daltonii subsp. vogelii* (Webb) Greuter *(=Asteriscus vogelii* (Webb) Walp. *)* *(=Bubonium daltonii* (Webb) Halvorsen subsp. *vogelii* (Webb) Halvorsen) *(=Nauplius daltonii* (Webb) Wiklund subsp. *vogelii* (Webb) Wiklund.)
Asteraceae	N	*Launaea intybacea* (Jacq.) Beauverd
Asteraceae	E	*Launaea picridioides* (Webb) B.L.Rob. *(=Lactuca picridioides (Webb) Henriq.)* *(=Rhabdotheca picridioides Webb)*
Asteraceae	N	*Pegolettia senegalensis* Cass.
Boraginaceae	E	*Echium stenosiphon* Webb. subsp. *stenosiphon*
Boraginaceae	N	*Heliotropium pterocarpum* (DC.) Hochst. & Steud. ex Bunge
Boraginaceae	N	*Heliotropium ramosissimum* (Lehm.) Sieber ex DC.
Boraginaceae	N	*Trichodesma africanum* (L.) Sm. *(= Borago africana* L.)
Caryophyllaceae	N	*Gymnocarpos sclerocephalus* (Decne.) Dahlgren & Thuli *(=Sclerocephalus arabicus* Boiss.)
Caryophyllaceae	E	*Paronychia illecebroides* Webb
Caryophyllaceae	N	*Polycarpaea caboverdeana* Rivas Mart., Lousã, J.C. Costa & Maria C. Duarte
Caryophyllaceae		*Polycarpaea gayi* Webb
Cistaceae	E	*Helianthemum gorgoneum* Webb

Cucurbitaceae	N	*Citrullus colocynthis* (L.) Schrad
Cleomaceae	N	*Cleome brachycarpa* Vahl ex DC.
Cyperaceae	N	*Cyperus bulbosus* Vahl
Cyperaceae	N	*Cyperus crassipes* Vahl *(=Cyperus maritimus Poir)* *(=Cyperus maritimus var. crassipes* (Vahl) C.B.Clarke)
Euphorbiaceae	I*	*Euphorbia chamaesyce* L. *(=Chamaesyce canescens (L.)* Prokh.)
Euphorbiaceae	N	*Euphorbia forsskalii* J.Gay *(=Chamaesyce forsskaolii* (J. Gay) E. Figueiredo)
Euphorbiaceae	N	*Euphorbia granulata* Forssk. *(=Chamaesyce granulata* (Forssk.) Soják)
Euphorbiaceae	E	*Euphorbia tuckeyana* Steud. ex Webb *(=Euphorbia arborescens* C. Sm) *(=Euphorbia tuckeyana* Steud.) *(=Euphorbia tuckeyana var. mezereum Chev.)* *(=Tithymalus tuckeyanus* (Steud. ex Webb) Bolle ex Klotzsch & Garcke. Steud.)
Euphorbiaceae	I	*Jatropha curcas* L.
Euphorbiaceae	I	*Ricinus communis* L.
Fabaceae	N	*Astragalus vogelii* (Webb) Bornm. subsp. *vogelii*
Fabaceae	E	*Lotus bollei Christ*
Fabaceae	N	*Rhynchosia minima* (L.) DC.
Fabaceae	N	*Senna italica* Mill.
Frankeniaceae	E	*Frankenia caboverdeana* (Brochmann, Lobin & Sunding) Rivas Mart., Lousã, J.C. Costa & Maria C. Duarte *(=Frankenia ericifolia* Chr. Sm. ex DC. subsp. caboverdeana Brochmann, Lobin & Sunding)
Frankeniaceae	E	*Frankenia pseudoericifolia* Rivas Mart., Lousã, J.C. Costa & Maria C. Duarte *(=Frankenia ericifolia* auct. cabov. non C. Sm.)
Lamiaceae	N	*Lavandula coronopifolia* Poir.

Malvaceae	N	*Abutilon pannosum* (G.Forst.) Schltdl. *(=Abutilon glaucum* (Cav.) Sweet) *(=Abutilon muticum* (Delile ex DC.) Sweet) *(=Sida pannosa* G.Forst.)
Malvaceae	N	*Corchorus tridens* L.
Malvaceae	N	Corchorus trilocularis L.
Malvaceae	I	*Gossypium barbadense* L.
Malvaceae	N	*Melhania ovata* (Cav.) Spreng.
Malvaceae	I	*Waltheria indica* L.
Molluginaceae	N	*Paramollugo nudicaulis* (Lam.) Thulin *(=Mollugo nudicaulis* Lam.)
Nyctaginaceae	N	*(=Boerhavia repens* L.)
Nyctaginaceae	N	*Commicarpus helenae* (Roem. & Schult.) Meikle *Boerhavia helenae* Schult.
Ophioglossaceae	N	*Ophioglossum polyphyllum* A. Braun
Orobanchaceae	E	*Cistanche brunneri* (Webb) Bég. *(=Phelypaea brunneri* Webb)
Papaveraceae	I	*Argemone mexicana L.*
Plantaginaceae	E	*Nanorrhinum elegans* (G.Forst.) Ghebr. *(=Kickxia elegans (G.Forst.)* D.A. Sutton)
Plumbaginaceae	E	*Limonium brunneri* (Webb) Kuntze *(=Statice brunneri* Webb ex Boiss.)
Poaceae	E	*Aristida cardosoi* Cout.
Poaceae	N	*Aristida adscensionis* L.
Poaceae	N	*Aristida funiculata* Trin. & Rupr.
Poaceae	N	*Cenchrus ciliaris* L.
Poaceae	I	*Chloris radiata* (L.) Sw.
Poaceae	N	*Cynodon dactylon* (L.) Pers.
Poaceae	N	*Dactyloctenium aegyptium* (L.) Willd.
Poaceae	N	*Enneapogon desvauxii* P. Beauv.
Poaceae	N	*Enteropogon rupestris* (J. A. Schmidt) A. Chev.
Poaceae	N	*Heteropogon contortus* (L.) P.Beauv. ex Roem. & Schult.

Poaceae	E	*Hyparrhenia caboverdeana* Rivas Mart., Lousã, J.C. Costa & Maria C. Duarte (=*Hyparrhenia hirta* auct. cabov. non (L.) Stapf.)
Poaceae	N	*Leptothrium senegalense* (Kunth) Clayton
Poaceae	N	*Melinis repens* (Willd.) Zizka subsp. *repens*
Poaceae	N	*Schmidtia pappophoroides* Steud.
Poaceae	N	*Setaria verticillata* (L.) P. Beauv. (=*Setaria adhaerens* (Forssk.) Chiov.)
Poaceae	E	*Sporobolus minutus* Link subsp. *confertus* (J. A. Schmidt) Lobin, N. Kilian & Leyens
Poaceae	N	*Sporobolus robustus* Kunth
Poaceae	N	*Sporobolus spicatus* (Vahl) Kunth
Poaceae	N	*Sporobolus virginicus* (L.) Kunth
Poaceae	N	*Tragus racemosus* (L.) All.
Poaceae	N	*Stipagrostis uniplumis* (Licht.) De Winter
Poaceae	N	*Tricholaena teneriffae* (L.f.) Link
Polygalaceae	N	*Polygala erioptera* DC.
Portulacaceae	N	*Portulaca oleracea* L.
Rhamnaceae	N	*Ziziphus mauritiana* Lam.
Rubiaceae	I	*Spermacoce verticillata* L. (=*Borreria verticillata* (L.) G.Mey.)
Scrophulariaceae	N	*Anticharis senegalensis* (Walp.) Bhandari
Urticaceae	E	*Forsskaolea procridifolia* Webb (=*Forsskaolea procridifolia* var. *microphylla* J.A. Schmidt)
Zygophyllaceae	N	*Fagonia cretica* L. (=*Zygophyllum creticum* (L.) Christenh. & Byng)
Zygophyllaceae	N	*Fagonia latifolia Delile* (=*Fagonia isotricha* Murb.) (=*Fagonia mayana* Schlecht.) (=*Fagonia sinaica* Boiss. var. *albiflora* (A. Chev.) Hadidi) (=*Zygophyllum mayanum* (Schltdl.) Christenh. & Byng)
Zygophyllaceae	N	*Tetraena simplex* (L.) Beier & Thulin (=*Zygophyllum simplex* L.)

Zygophyllaceae	E	*Tetraena vicentina* Rivas Mart., Lousã, J.C. Costa & Maria C. Duarte (=*Tetraena fontanesii* auct. cabov. non (Webb & Berthel) Beirr. & Thulin.)
Zygophyllaceae	I	*Tribulus cistoides* L.

De entre os taxa mais relevantes presentes na ilha selecionaram-se quatro dezenas que são, de seguida, mencionados. Para cada um deles é mencionada a distribuição em Cabo Verde, com base nos vários volumes já publicados da Flora de Cabo Verde (Paiva *et al*., 1995; 1996; 2002), Brochmann *et al*., 1997; Sanches *et al*., 2005; Duarte *et al*., 2005; Duarte *et al*., 2008; Romeiras *et al*., 2011; Rivas-Martinez *et al*., 2017; Duarte *et al*., 2022, e a nível mundial, obtida em GBIF.org (2021), POWO (2022) e WFO (2022). Para cada espécie incluem-se algumas notas sobre a ecologia em Santa Luzia, resultado do conhecimento de campo dos autores, e, quando pertinente, algumas notas taxonómicas.

Os nomes vulgares e usos em Cabo Verde foram obtidos em Gomes (1994), Gomes *et al*. (1995), Branco (2010), Romeiras *et al*. (2011), Lima (2013), Romeiras *et al*. (2013) e Duarte *et al*. (2022). Para algumas espécies é, ainda, incluída informação sobre o seu uso noutras regiões geográficas, sendo, nesses casos, indicadas as respetivas fontes bibliográficas.

O estatuto de ameaça, de acordo com as categorias da "IUCN Red List of Threatened Species", e respetivos critérios foram obtidos em Romeiras et al. (2016) e em Catarino *et al*. (2017a-i).

Cada espécie é ilustrada com imagens obtidas na ilha de Santa Luzia. Em situações pontuais, devidamente referenciadas, incluem-se imagens obtidas em outras ilhas.

AIZOACEAE

Aizoon canariense L.

Distribuição mundial: Macaronésia (Canárias e Madeira), Norte de África e Médio Oriente.
Distribuição em Cabo Verde: Ocorre em todas as ilhas, com exceção do Fogo.
Santa Luzia: Apresenta ampla distribuição, embora preferencialmente associada a áreas arenosas no leito de ribeiras, capas arenosas ou dunas, nas extensas plataformas litorais (planaltos litorais lávicos cobertos por materiais detríticos eólicos e/ou leques aluviais).
N.V.: Piolho-lédo, mato-de-salema.
Usos: Usada tradicionalmente para tratamento de problemas gastrointestinais e na hipotensão (Al-Laith et al., 2019; Bakr et al., 2021).

AMARANTHACEAE

Suaeda caboverdeana Rivas Mart., Lousã, J. C. Costa & Maria C. Duarte

Distribuição mundial: Taxon endémico de Cabo Verde.
Distribuição em Cabo Verde: São Vicente, Santa Luzia, Sal, Boavista e Maio.
Santa Luzia: Na ilha de Santa Luzia esta espécie ocorre sempre em áreas arenosas, principalmente dunas, mas também em bancadas de arenitos calcários e/ou dunas consolidadas com cimento calcário. A espécie é halófita e/ou subhalófita pelo que nunca se afasta das zonas litorais
Usos: A planta serve para a alimentação do gado. A *S. vermiculata* (espécie na qual se inseriam os espécimenes cabo-verdianos antes da descrição de *Suaeda caboverdeana*) era usada tradicionalmente pelos nómadas do deserto do Sara para o tratamento da icterícia (Mohammed *et al.*, 2020).

ANACARDIACEAE

Searsia albida (Schousb.) Moffett

Distribuição mundial: Centro e norte de África, Médio Oriente e Ásia até à India.

Distribuição em Cabo Verde: Espécie nativa de Cabo Verde, ocorrendo nas ilhas de Santo Antão, Santa Luzia e Sal.

Santa Luzia: Apresenta, em Santa Luzia, uma distribuição pontual. Esta espécie foi observada apenas numa pequena plataforma, a cerca de 200 m de altitude, exposta a norte, no pico "Água Doce" e aparenta ter sido introduzida.

Usos: Em Marrocos os frutos transformados em pó são usados para tratamento de problemas gastrointestinais (Taha *et al.*, 2022). Os óleos essenciais extraídos da parte aérea da planta apresentam atividade antibacteriana, especialmente no combate à bactéria *Staphylococcus aureus* (Elhidar *et al.*, 2021).

APOCYNACEAE

Calotropis procera (Aiton) Dryand.

Distribuição mundial: É considerada nativa em África e Ásia, encontrando-se naturalizada em muitos territórios áridos e semiáridos do mundo. Em algumas áreas está declarada como invasora.

Distribuição em Cabo Verde: A espécie é considerada como espontânea e ocorre em todas as ilhas.

Santa Luzia: Ocorre exclusivamente nos extensos planaltos litorais principalmente associada às aluviões de cursos de água efémeros.

N.V.: Bombardeiro.

Usos: O sumo da planta é venenoso e foi usado em África como infanticida (Uphof, 1968). O latex contém compostos cardiotóxicos, como a calotropina, que em casos extremos pode provocar falência cardiorrespiratória. Tem servido como fonte de vários tipos de materiais sendo a extração de fibras a mais frequente. É, também, usada como ornamental.

APOCYNACEAE

Cynanchum daltonii (Decne.) Liede & Meve

Distribuição mundial: Taxon endémico em Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: São Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Boavista, Santiago, Fogo e Brava. Planta suculenta com longos caules (vários metros) frequentemente pendentes nas paredes rochosas.

Santa Luzia: Na ilha de Santa Luzia esta espécie ocorre somente nas áreas de maior altitude (acima de 200 m), nos sectores de maior humidade e em paredes rochosas com ensombramento

N.V.: Alvatão, alcatrão, ervatão, gestiva, sistiba.

Usos: A planta é usada como remédio para os dentes cariados, reduzindo a dor e fragmentando o dente (Lima, 2013).

ARECACEAE

Phoenix atlantica A. Chev.

Distribuição mundial: Taxon endémico de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: Santa Luzia, Sal, Boavista, Maio e Santiago. A espécie foi descrita por Chevalier como endémica de Cabo Verde, a partir de exemplares existentes em Santiago, sobre areias litorais. Ocorre não só em areias litorais como em fundos de vale com sedimento arenoso/cascalhento de origem aluvio-eólico.

Santa Luzia: Apesar de considerado como endemismo de Cabo Verde, os exemplares que se observam na ilha de Santa Luzia parecem ter sido introduzidos. A espécie ocorre no sector meridional da ilha, associada a fundo de vale preenchido com sedimento arenoso no único local onde existem ruínas de casa de habitação (Chã da Casa).

N.V.: Tamareira.

Usos: As fibras são usadas na confeção de roupa, na construção e os frutos são importantes na alimentação humana (Barrow, 1998).

ASPARAGACEAE

Asparagus squarrosus J. A. Schmidt

Distribuição mundial: Endemismo cabo-verdiano.

Distribuição em Cabo Verde: Presente em todas as ilhas, exceto em Santiago, Fogo e Brava.

Santa Luzia: A população da ilha de Santa Luzia é, sem dúvida, a que apresenta maior extensão e número de indivíduos. Ocorre principalmente a altitudes médias entre os 100 e os 200 metros embora se observem alguns indivíduos nos extensos planaltos litorais. A espécie é rara nos sectores mais elevados da ilha.

N.V.: Espargo (Gomes, 1994; Gomes *et al*., 1995).

Usos: Diurético (Lima, 2013).

Estatuto de ameaça: *Asparagus squarrosus* está classificado segundo a "IUCN Red List of Threatened Species" como "Pouco Preocupante (LC) (Catarino *et al*., 2017; Romeiras *et al*., 2016).

Associação de *Lotus bollei* e *Aspargus squarrosus* nas extensas plataformas (chãs) lávicas cobertas por leques aluviais e/ou sedimentos arenosos de carácter eólico em Chã de Tope de Água Doce, no sector noroeste da Ilha de Santa Luzia. Estas lavas correspondem à erupção mais recente da ilha e são consideradas como contemporâneas das formações recentes de Salamanza, Calhau e Viana na ilha de São Vicente (Cótchico *et al*., 2014; Gonçalves, 2015)

ASTERACEAE

Asteriscus daltonii Walp. subsp. *vogelii* (Webb) Greuter

Distribuição mundial: Endemismo cabo-verdiano.
Distribuição em Cabo Verde: Existem três taxa do género *Asteriscus* endémicos de Cabo Verde: *Asteriscus daltonii* (Webb) Walp. (Santiago), *Asteriscus smithii* (Webb) Walp. (São Nicolau) e *Asteriscus daltonii* subsp. *vogelii*. (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, ilhéu Branco, São Nicolau, Maio, Santiago, Fogo e Brava).
Santa Luzia: Espécie que ocorre principalmente nos sectores de maior altitude da ilha, acima de 200 m de altitude, onde é frequentemente acompanhada por *Euphorbia tuckeyana*, *Forsskaolea procridifolia*, *Asparagus squarrosus*, *Nanorrhinum elegans* (syn. *Kickxia elegans*). Em Santa Luzia a planta ocorre com frequência em fendas de rocha e beneficia da frequência de nevoeiros que, intersetados pelas vertentes, geram uma quantidade de água que será significativa atendendo à elevada presença de briófitos. A planta pode ocorrer em sectores de baixa altitude, contudo é aí rara e está confinada aos locais com solo arenoso que retêm água em profundidade ou em fendas no substrato rochoso.
N.V.: Macela (Gomes, 1994).
Usos: Medicinal. Compostos isolados de *Asteriscus daltonii* subsp. *vogelii* revelaram atividade fitotóxica, antifúngica, inseticida e antitumoral (Branco, 2010).
Estatuto de ameaça: *Asteriscus daltonii* está classificado como espécie "Quase Ameaçada, NT" pelos critérios B1ab(ii)+2ab(ii) (Catarino *et al.*, 2017b; Romeiras *et al.*, 2016).

ASTERACEAE

Launaea picridioides (Webb) B.L.Rob.

Distribuição mundial: Planta endémica de Cabo Verde.
Distribuição em Cabo Verde: Ocorre nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau e ilhéu Branco.
Santa Luzia: Na ilha de Santa Luzia a espécie é rara e só foi observado um indivíduo num local com 200 m de altitude e exposição norte, numa população de *Euphorbia tuckeyana*.
N.V.: Marê-tope, serragem, serralha, tortolhinha, tortolhinho (Duarte *et al*. 2022).
Usos: É usada como forrageira na alimentação do gado (Duarte *et al*. 2022).

BORAGINACEAE

Echium stenosiphon Webb subsp. *stenosiphon*

Fotos obtidas na Ilha de São Vicente

Distribuição mundial: Endemismo de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: São Vicente, Santa Luzia e ilhéu Branco.

Santa Luzia: Ocorre no sector oriental da ilha nas vertentes rochosas dos relevos em ambiente mesofítico. A planta está ausente nos territórios áridos e semiáridos mais baixos. Este taxon é comum na ilha de São Vicente. Na ilha de Santo Antão é substituído por *Echium lindbergii* Pett., exclusivo desta ilha, e em São Nicolau pelo *Echium glabrescens*, endémico nesta ilha. Em áreas de maior altitude e de maior humidade das ilhas de Santiago e Brava ocorre *Echium hypertropicum*. Por último *Echium vulcanorum* é um endemismo (de características mesófilas) do Fogo onde ocorre em territórios semiáridos (Romeiras *et al*., 2007).

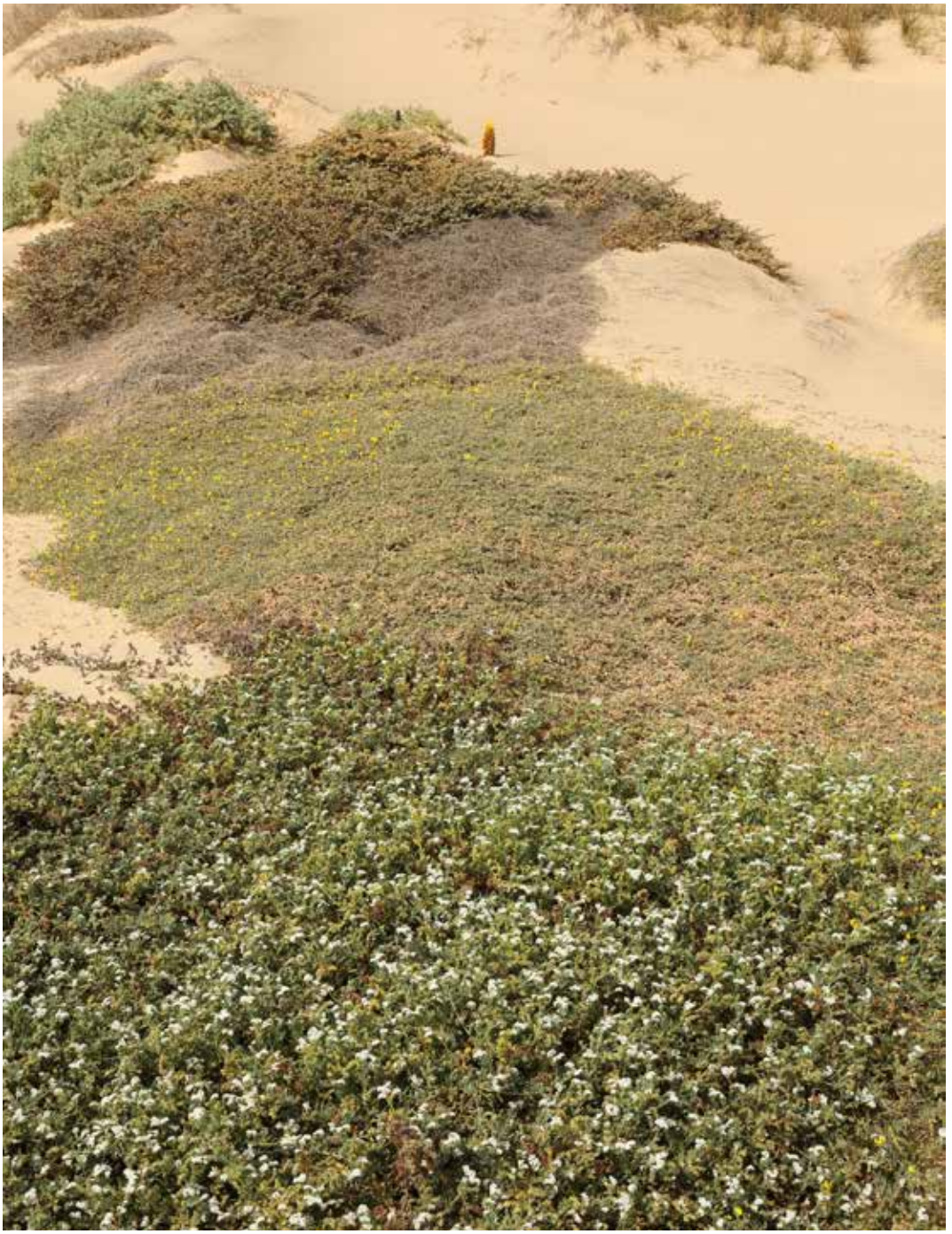
N.V.: Língua-de-vaca.

Usos: A planta é usada como forrageira, sendo, ainda, usada na fabricação de xarope para a tosse (Lima, 2013).

Estatuto de ameaça: *Echium stenosiphon* está classificado segundo a "IUCN Red List of Threatened Species" como "Em Perigo, EN" pelos critérios B1ab(ii)+2ab(ii) (Catarino *et al*., 2017; Romeiras *et al*., 2016).

BORAGINACEAE

Heliotropium ramosissimum (Lehm.) Sieber ex DC.



Distribuição mundial: Planta de distribuição em territórios áridos e semiáridos desde a Macaronésia (Madeira, Canárias e Cabo Verde), África Ocidental e Central (subsariana) até à Península Arábica e Paquistão.

Distribuição em Cabo Verde: Ocorre em todas as ilhas do arquipélago.

Santa Luzia: A espécie é relativamente frequente nas extensas plataformas litorais (chãs), principalmente em áreas onde as lavas apresentam cobertura arenosa. A espécie torna-se rara com o aumento de altitude.

N.V.: Alfavaca, alfavaca-da-achada, erva-das-sete-sangrias, furtaragem, mama-de-bitcho, tchero-fede, três-marias (Duarte *et al*. 2022).

Usos: *Heliotropium ramosissimum* é usada em Cabo Verde como planta forrageira (Duarte *et al*. 2022). As plantas do género *Heliotropium* são conhecidas pelo seu uso para combater doenças como a gota, inflamação, doenças de pele, disfunção menstrual e reumatismo. Estão identificadas propriedades antimicrobianas, antivirais, antitumorais, anti-inflamatórias, citotoxicidade e fitotoxicidade (Fayed, 2021).

BORAGINACEAE

Trichodesma africanum (L.) Sm.

Distribuição mundial: O taxon apresenta distribuição em África (Cabo Verde, Mauritânia, Senegal, Este de África até à Etiópia, Namíbia, Sul de África), Península Arábica até ao Afeganistão e Índia.

Distribuição em Cabo Verde: A espécie é considerada como espontânea ocorrendo em todas as ilhas exceto no Sal.

Santa Luzia: A planta ocorre principalmente associada aos extensos planaltos litorais (chãs) no sector meridional da ilha, onde as lavas estão cobertas por leques aluviais e/ou depósitos eólicos; trata-se do sector de maior aridez da ilha e, simultaneamente, onde se instalaram as famílias que ocuparam a ilha sendo, portanto, mais evidentes as perturbações de origem antrópica.

N.V.: Alecrim-azul, hortiga, língua-de-vaca, palha-crusco, racha-canela, raia, ratcha-canela, repussada, taliano.

USOS: As folhas de *Trichodesma africanum* são usadas como diuréticas na Nigéria e Sudão. No Senegal e Nigéria as folhas são, também, usadas no tratamento da diarreia e como emoliente, antipirético e anti-inflamatório. A infusão de raízes é usada para o tratamento da hepatite. A planta constitui um excelente alimento para os camelos, mas há outros animais que se alimentam dela (Omar *et al.*, 1983).

CARYOPHYLLACEAE

Paronychia illecebroides Webb

Distribuição mundial: Taxon endémico de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Boavista, Maio, Santiago e Fogo.

Santa Luzia: Na ilha de Santa Luzia esta planta apresenta uma grande plasticidade ecológica ocorrendo desde as extensas plataformas litorais até aos territórios de maior altitude apresentando sempre uma grande tendência fissurícola. A sua ocorrência é comum em acumulações de calhaus e blocos (caos de blocos), onde beneficia de algum ensombramento e da humidade disponível nas fissuras. A espécie sobe em altitude, sempre abrigada nas fendas das rochas ou nos intervalos dos calhaus, embora seja mais rara nos sectores acima dos 250 metros.

N.V.: Palha-de-formiga.

Usos: Xarope misturado com agrião-de-água, para lesões ósseas (Lima, 2013).

Estatuto de ameaça: *Paronychia illecebroides* está classificado segundo a "IUCN Red List of Threatened Species" como "Quase Ameaçada, NT" pelos critérios B1ab(iii)+2ab(iii) (Catarino et al., 2017; Romeiras *et al*., 2016).

CARYOPHYLLACEAE

Polycarpaea caboverdeana Rivas Mart., Lousã, J. C. Costa & Maria C. Duarte

Distribuição mundial: O taxon é endémico de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: Ocorre nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, Sal e Fogo, quase exclusivamente sobre areias, ainda que com substrato rochoso a curta distância da superfície.

Santa Luzia: A espécie ocorre associada aos extensos planaltos litorais onde a cobertura arenosa se sobrepõe ao substrato lávico ou nas aluviões areno-cascalhentas que preenchem os fundos dos barrancos. Nas dunas de maior espessura a espécie encontra-se ausente. Também não se verifica a presença desta espécie nos sectores mais elevados da ilha.

N.V.: Cidreira-de-rocha, mato-branco, palha-bidião, palha-de-bidion, talim, talinho, telim (Duarte *et al*. 2022).

CARYOPHYLLACEAE

Polycarpaea gayi Webb

Distribuição mundial: O taxon é endémico de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: A espécie ocorre nas ilhas de São Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Santiago e Fogo.

Santa Luzia: Em Santa Luzia esta espécie está associada a campos de lava onde ocorre em fendas ou pequenas depressões, em regra sombreadas, ao contrário da *P. caboverdeana* que está associada a áreas arenosas.

N.V.: Palha-bidião.

Usos: Usada para isco de uma espécie de peixe (bidião).

Estatuto de ameaça: *Polycarpaea gayi* está classificada segundo a "IUCN Red List of Threatened Species" como "Quase Ameaçada, NT" pelos critérios B1ab(iii)+2ab(iii) (Catarino *et al.*, 2017; Romeiras *et al.*, 2016).

CISTACEAE

Helianthemum gorgoneum Webb

Distribuição mundial: Planta endémica de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: Santo Antão, Santa Luzia, Ilhéu Branco, Fogo e Brava.

Santa Luzia: A espécie é rara e ocorre apenas associada aos sectores mais elevados da ilha, no complexo vulcânico do Monto do Tope.

N.V.: Matinho, piorno-de-flor-amarela (Duarte *et al*. 2022).

Usos: A planta é usada em Cabo Verde como forrageira (Duarte *et al*. 2022).

Estatuto de ameaça: *Helianthemum gorgoneum* está classificado segundo a "IUCN Red List of Threatened Species" como "Em Perigo (EN)" pelos critérios B1ab(ii,iv)+2ab(ii,iv) (Catarino *et al*., 2017; Romeiras *et al*., 2016).

CUCURBITACEAE

Citrullus colocynthis (L.) Schrad

Distribuição mundial: Taxon de ampla distribuição mundial muito associado a territórios áridos e/ou semiáridos em África, Médio Oriente e Austrália. Está documentada como introduzida e invasora em muitas partes do Mundo como Estados Unidos, Austrália, Polónia, Turquia, Madagáscar, Grécia e Arménia.

Distribuição em Cabo Verde: A espécie está presente em todas as ilhas exceto na Brava. É considerada como espontânea e está, em regra, associada à presença de areais (capas arenosas ou dunas).

Santa Luzia: Ocorre nas dunas de areias calcárias, principalmente na Praia do Castelo, Praia das Toninhas e Chã da Praia de Chica.

N.V.: Balancia-brabo, melancia-brava, olho-de-vaca, olho-de-boi, melão-bravo, coloquintistas.

Usos: Utilização medicinal. Reportado como antioxidante, hipoglicémico, antibacteriano, anticancerígeno, anti-inflamatório, analgésico, trato gastrointestinal, antidiabético, antialérgico e pesticida (Li *et al*., 2022).

EUPHORBIACEAE

Euphorbia tuckeyana Steud. ex Webb

Foto obtida na Ilha do Fogo

Distribuição mundial: Endemismo de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: Ocorre em territórios mesofíticos nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boavista, Santiago, Fogo e Brava.

Santa Luzia: Em Santa Luzia coloniza os sectores mais elevados das zonas montanhosas, nas vertentes de maior humidade expostas a norte onde se encontra em associação com *Cynanchum daltonii*, *Launaea picridioides*, *Asteriscus daltonii* subsp. *vogelii*, *Paronychia illecebroides*, *Nanorrhinum elegans* (syn. *Kickxia elegans*), *Forsskaolea procridifolia* e *Asparagus squarrosus*, acompanhada por grande quantidade de líquenes foliosos.

N.V.: Tira-olho, tortilho, tortodjo, tortolho, lentisco (Lima, 2013).

Usos: O látex, ou seja, a seiva, leitosa cáustica e sicativa é perigosa para os olhos. Infusão usada contra a blenorragia (Lima, 2013). Usada na sífilis. Esta planta é usada, também, como combustível (Duarte *et al.,* 2022).

Estatuto de ameaça: *Euphorbia tuckeyana* está classificada segundo a "IUCN Red List of Threatened Species" como "Quase Ameaçada, NT" pelos critérios B1ab(iii)+2ab(iii) (Catarino *et al*., 2017; Romeiras *et al.*, 2016).

FABACEAE

Lotus bollei Christ

Distribuição mundial: Taxon endémico de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: São Vicente e Santa Luzia.

Santa Luzia: Esta espécie está associada à presença de areias. Ocorre tanto em dunas como em capas arenosas cobrindo plataformas lávicas. A sua presença é muito comum nos fundos aluviais dos barrancos que sulcam os planaltos litorais. Com o aumento de altitude a espécie deixa de ocorrer.

N.V.: Piorno.

Usos: Usada para o tratamento da febre e dores de peito e costas. Das folhas pode fazer-se chá.

FABACEAE

Rhynchosia minima (L.) DC.

Distribuição mundial: Ocorre em grande parte da faixa intertropical (exceto nos territórios mais húmidos de África e América do Sul), também na Austrália e África do Sul.

Distribuição em Cabo Verde: A espécie está presente em todas as ilhas do arquipélago de Cabo Verde (Romeiras *et al.*, 2011).

Santa Luzia: Esta planta ocorre no fundo aluvial de cursos de água torrenciais no sector meridional da ilha, na área de Chã da Casa, precisamente na área onde a perturbação antrópica se apresenta mais evidente.

N.V.: Feijoeiro-de-lagartixa (Romeiras *et al.* 2011).

Usos: É usada na medicina tradicional indiana para tratamento de diversas doenças como reumatismo, artrites, inflamações e doenças relacionadas com o fígado. Estão identificados alguns constituintes com propriedades antinociceptivas e anti-inflamatórias (Kumar *et al.*, 2020). É usada na alimentação animal e também humana. As sementes são comidas por diversas espécies de pássaros.

FRANKENIACEAE

Frankenia caboverdeana (Brochmann, Lobin & Sunding) Rivas Mart., Lousã, J. C. Costa & Maria C. Duarte

Distribuição mundial: Planta endémica de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia e São Nicolau.

Santa Luzia: A planta apresenta uma distribuição claramente halófila e/ou sub-halófila ocorrendo sempre a baixa altitude, próximo do mar, nas extensas plataformas litorais (chãs) parcialmente cobertas por leques aluviais e/ou areias eólicas.

N.V.: Mato-de-engodo, mato-de-sargaço, palha-engodo (Duarte *et al.* 2022).

Usos: É utilizada para fazer engodo.

Observações: *Frankenia caboverdiana* apresenta caules ascendentes, folhas basais longas, 8,2-18,5 mm, não ericóides, largamente oblanceoladas e pétalas mais de 6,0 mm de comprimento. Por seu lado, *Frankenia pseudoericifolia* apresenta caules procumbentes, folhas basais curtas, 3,3-7,0 mm, ericóides, quase lineares a estreitas, lanceoladas e pétalas de até 4,5 mm de comprimento.

FRANKENIACEAE

Frankenia pseudoericifolia Rivas Mart., Lousã, J. C. Costa & Maria C. Duarte

Distribuição mundial: Planta endémica de Cabo Verde.
Distribuição em Cabo Verde: Em todas as ilhas.
Santa Luzia: A planta apresenta uma distribuição claramente halófila e/ou sub-halófila ocorrendo sempre em baixa altitude, próximo do mar, nas extensas plataformas litorais (chãs) parcialmente cobertas por leques aluviais e/ou areias eólicas. É comum nos campos de lava litorais no fundo de pequenas depressões preenchidas com areias.
N.V.: Mato-de-engodo, mato-de-sargaço, palha-engodo.
Usos: É utilizada para fazer engodo.

LAMIACEAE

Lavandula coronopifolia Poir.

Distribuição mundial: Noroeste africano e Cabo Verde, Sahara, Nordeste de África, Península Arábica até ao Irão.

Distribuição em Cabo Verde: Espécie nativa em Cabo Verde onde ocorre nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Santiago e Brava.

Santa Luzia: Apresenta ampla distribuição, embora preferencialmente associada a áreas arenosas no leito de ribeiras, capas arenosas ou dunas e nas extensas plataformas litorais.

N.V.: Marmulano-da-terra, risco, risque (Duarte *et al.* 2022).

Usos: As plantas do género *Lavandula* são usadas desde a antiguidade para dar sabor e conservar alimentos, para tratar doenças, incluindo a cicatrização de feridas e infeções. São conhecidas propriedades sedativas, antiespasmódicas, microbianas, anti-flatulência e virais. Numerosas pesquisas descreveram a composição química e os componentes primários dos óleos de lavanda, nomeadamente as altas concentrações de acetato de linalila, que os tornam atrativos na indústria de perfumaria, aromatizantes, cosméticos e indústria dos sabões (Salehi *et al.*, 2018). Em Cabo Verde esta planta é usada, também, como forrageira.

MALVACEAE

Abutilon pannosum (G. Forst.) Schltdl.

Notas taxonómicas: Em África estão descritos três taxa infraespecíficos: *Abutilon pannosum* var. *figarianum* (Webb) Verdc., *Abutilon pannosum* var. *scabrum* Verdc. e *Abutilon pannosum* var. *pannosum*; as duas primeiras variedades ocorrem no nordeste de África e a variedade típica em todo o centro e norte de África incluindo Cabo Verde.

Distribuição mundial: Centro e norte de África, Médio Oriente e Ásia até à India.

Distribuição em Cabo Verde: Espécie espontânea em Cabo Verde, ocorrendo em todas as ilhas.

Santa Luzia: Apresenta ampla distribuição, embora preferencialmente associada a áreas arenosas no leito de ribeiras, capas arenosas ou dunas, nas extensas plataformas litorais (planaltos litorais lávicos cobertos por materiais detríticos eólicos e/ou leques aluviais).

N.V.: Lolo-branco, malva (Romeiras *et al.*, 2013).

Usos: A planta é usada para tratamento da diarreia, disenteria e problemas estomacais (Burkill, 2000).

MALVACEAE

Gossypium barbadense L.

Distribuição mundial: Distribui-se por toda a faixa intertropical da Terra. Nativa do Peru e Equador, mas amplamente distribuído como planta cultivada. É considerada como escapada de cultura e naturalizada em África, Austrália e Oceânia.

Distribuição em Cabo Verde: Santo Antão, São Nicolau, Santiago e Fogo.

Santa Luzia: Em Santa Luzia este taxon foi observado em altitude, na base do domo fonolítico da Torre dos Penedos possivelmente associado a um antigo cultivo da planta pelas famílias que ocuparam a ilha até 1960. Estão documentadas tentativas de cultivo de algodão em Cabo Verde incluindo em Santa Luzia (Melo *et al.*, 2015), porém com pouco sucesso devido à irregularidade das chuvas e falta de água.

N.V.: Algodão.

Usos: Planta usada essencialmente para a produção de fibras.

MALVACEAE

Waltheria indica L.

Distribuição mundial: O taxon apresenta distribuição subcosmopolita distribuindo-se em grande parte da faixa intertropical, embora numa boa parte dos países seja considerada como introduzida.

Distribuição em Cabo Verde: A espécie é considerada como introduzida em Cabo Verde, estando presente em Santo Antão, Santa Luzia, São Nicolau, Santiago e Fogo.

Santa Luzia: A planta ocorre principalmente associada aos extensos planaltos litorais (chãs) no sector meridional da ilha onde as lavas estão cobertas por leques aluviais e/ou depósitos eólicos); trata-se do sector de maior aridez da ilha e, simultaneamente, do território onde se instalaram as famílias que ocuparam a ilha até aos anos 60.

N.V.: Barnelo, sem-trabalho, mato-branco, lolo, massapé-de-cavalo.

Usos: A planta é amplamente usada na medicina tradicional como forma de combater a disenteria, distúrbio da bexiga, inflamações, neuralgias e úlceras (Nirmala & Sridevi, 2021).

NYCTAGINACEAE

Commicarpus helenae (Roem. & Schult.) Meikle

Distribuição mundial: África, W. Ásia, Península Arábica, Paquistão até à India.

Distribuição em Cabo Verde: Ocorre em todas as ilhas, exceto no Sal.

Santa Luzia: A espécie ocorre exclusivamente nos territórios áridos das extensas áreas planas litorais (chãs), associada aos leques aluviais e sedimentos dos cursos de água efémeros e/ou areias eólicas. A sua ocorrência é mais frequente no sector meridional da ilha, principalmente onde a presença humana foi mais evidente durante a fase de colonização.

N.V.: Albeça-branca, albéza-branco, butra, costa-branca, costa-branca-bastarda, folha-branca, mato-branco, mato-lagarto (Duarte *et al*., 2022).

Usos: A planta é usada, em Cabo Verde, como forrageira.

OROBANCHACEAE

Cistanche brunneri (Webb) Bég.

Notas taxonómicas: *Cistanche brunneri* (Webb) Bég. é considerada por diversos autores como sendo sinónimo de *Cistanche phelypaea* (L.) Cout., cuja distribuição é norte africana (Sahel, Sahara e Mediterrâneo, incluindo Portugal, Espanha e Itália) onde parasita arbustos dunares principalmente pertencentes à família *Amaranthaceae* (*Salsola, Atriplex, Halimione, Suaeda,* etc.) (Aldasoro Martín *et al*., 2001).

D**istribuição mundial:** Este taxon apresenta distribuição na África Ocidental (tropical) e em Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: Em Cabo Verde esta planta ocorre nas ilhas de São Vicente, Santa Luzia, Santo Antão, Boavista, Sal e Maio.

Santa Luzia: Esta espécie está associada a áreas arenosas litorais onde parasita dois importantes arbustos endémicos de Cabo Verde *Suaeda caboverdeana* e *Tetraena vicentina*.

N.V.: Batata-de-gongon.

Usos: Diarreia e distúrbios menstruais.

PLANTAGINACEAE

Nanorrhinum elegans (G.Forst.) Ghebr. (syn. *Kickxia elegans* (G. Forst.) D. A. Sutton)

Distribuição mundial: Planta endémica de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: Em todas as ilhas.

Santa Luzia: Este taxon ocorre de forma muito pontual nos sectores mais elevados da ilha, acima dos 200 m, em paredes rochosas, nas zonas de sombra.

N.V.: agrião-da-rocha.

Estatuto de ameaça: *Nanorrhinum elegans* (syn. *Kickxia elegans*) está classificada segundo a "IUCN Red List of Threatened Species" como "Em Perigo (EN)" pelos critérios B1ab(ii)+2ab(ii) (Catarino *et al.*, 2017; Romeiras *et al.*, 2016).

PLUMBAGINACEAE

Limonium brunneri (Webb) Kuntze

Distribuição mundial: Taxon endémico de Cabo Verde.
Distribuição em Cabo Verde: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, Sal e nos ilhéus Raso e Branco.
Santa Luzia: Este taxon ocorre associado, em geral, aos afloramentos de arenitos calcários. Na parte norte da ilha a sua ocorrência é rara. A população mais extensa situa-se no sector sul da ilha, na parte interior da Praia de Palmo a Tostão onde se verifica a presença de grande quantidade de conchas, corais e calhaus de arenito calcário, como resultado da erosão e desmantelamento da bancada de arenitos calcários correspondentes ao nível de praia levantada.
N.V.: Carqueja.
Estatuto de ameaça: *Limonium brunneri* está classificado segundo a "IUCN Red List of Threatened Species" como "Em Perigo (EN)" pelos critérios B1ab(ii,iii,iv) (Catarino *et al.*, 2017; Romeiras *et al.*, 2016).

POACEAE
Aristida cardosoi Cout.

Foto obtida na ilha do Fogo

Notas taxonómicas: Em algumas bases de dados (e.g. WFO, 2022) este taxon é considerado como sinónimo de *Aristida adscensionis* L.

Distribuição mundial: Endemismo cabo-verdiano.

Distribuição em Cabo Verde: presente em todas as ilhas. Trata-se de um taxon com ampla distribuição ecológica, desde territórios áridos até aos sub-húmidos, sendo raro nas áreas de maior aridez ou nos territórios de maior humidade e/ou altitude.

Santa Luzia: Ocorre fundamentalmente nos intervalos de calhaus lávicos, contudo apresenta uma grande plasticidade ecológica ocorrendo também em acumulações arenosas e leques aluviais. Nos sectores de maior altitude a espécie é rara ou está mesmo ausente.

N.V.: Barba-de-bode.

Usos: Pela sua ampla distribuição ecológica e territorial esta planta tem um importante papel na alimentação de gado, sobretudo cabras.

POACEAE
Aristida funiculata Trin. & Rupr.

Distribuição mundial: Apresenta distribuição por territórios áridos e hiperáridos na faixa intertropical. Em África ocorre, para além de Cabo Verde, em todo o Sahel até ao "Corno de África", Península Arábica, Iraque, Irão, Afeganistão, Paquistão e sudoeste da Índia.
Distribuição em Cabo Verde: Presente em todas as ilhas, exceto Brava e nos ilhéus Branco e Raso.
Santa Luzia: O taxon distribui-se pelos extensos planaltos litorais (chãs) e forma, com as restantes espécies de gramíneas, extensas "estepes" apenas verdes quando da ocorrência de chuva. A espécie é rara nos sectores mais elevados da ilha.
Usos: Trata-se de uma importante espécie na alimentação do gado principalmente cabras.

As estepes de gramíneas constituem a paisagem vegetal dominante nos extensos planaltos litorais (chãs) em Santa Luzia. São formados, geralmente, por campos de lavas frequentemente cobertos por sedimentos (eólicos e/ou aluviais) e constituem o habitat preferencial da calhandra-do-ilhéu-raso (*Alauda rasae*), espécie de ave recentemente reintroduzida em Santa Luzia a partir da população presente no Ilhéu Raso (Brooke & Donald 2015; Hazevoet 2015).

POACEAE

Hyparrhenia caboverdeana Rivas Mart., Lousã, J. C. Costa & Maria C. Duarte

Fotos obtidas na ilha de Santo Antão

Notas taxonómicas: Esta espécie, anteriormente classificada como *Hyparrhenia hirta* (L.) Stapf., foi em 2017 (Rivas-Martínez *et al*., 2017) considerada como uma espécie distinta, endémica em Cabo Verde.

Distribuição mundial: Planta endémica de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: Presente em todas as ilhas exceto na Boavista e em Maio.

Santa Luzia: A espécie distribui-se pelos extensos planaltos lávicos litorais em fendas ou pequenas depressões com acumulação de areias. Contudo a sua maior abundância verifica-se ao longo dos cursos de água temporários (efémeros) com fundo coberto por areias eólicas misturadas com calhaus heterométricos, resultado do transporte torrencial. Nestes barrancos a *H. caboverdeana* tende a ocupar os sectores laterais (margens) de contacto com o substrato rochoso por onde escorre a água da chuva, infiltrando-se de seguida por debaixo do complexo detrítico. A espécie sobe relativamente em altitude alcançando locais acima dos 350 m.

N.V.: Palha-de-guiné, palha-negra, touça, touça-fêmea (Duarte *et al*., 2022).

Usos: Importante componente das estepes de gramíneas, é usada na alimentação do gado, principalmente cabras.

POACEAE

Sporobolus spicatus (Vahl) Kunth

Distribuição mundial: Ocorre em Cabo Verde, Costa Ocidental de África (Mauritânia, Senegal, Gâmbia, Guiné), Sahel e Vale do Rift (Este Africano), Sul de África (Angola, Namíbia, Botswana, Zâmbia, Zimbábue, África do Norte (Mediterrâneo), Península Arábica e Sudoeste da Ásia até à Índia.

Distribuição em Cabo Verde: A espécie é nativa em Cabo Verde onde ocorre em todas as ilhas, exceto em São Nicolau e na Brava, em áreas próximas do mar (espécie halófita ou subhalófita) sempre com alguma areia cobrindo as superfícies rochosas.

Santa Luzia: A espécie é frequente sobretudo no sector setentrional, nas plataformas litorais cobertas por areia. Está presente nas plataformas litorais próximo das arribas onde é frequente nas cavidades e fendas das lavas preenchidas com areia. Devido a ser uma espécie halófita e/ou subhalófita, nunca se afasta muito do litoral.

N.V.: Malpica.

Usos: A planta apresenta interesse forrageiro.

URTICACEAE

Forsskaolea procridifolia Webb

Distribuição mundial: Planta endémica de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: Ocorre em todas as ilhas, exceto na Boavista.

Santa Luzia: Na ilha de Santa Luzia esta planta ocorre desde as plataformas litorais até aos locais de maior altitude, embora seja rara nos sectores mais baixos dos territórios meridionais da ilha.

N.V.: Língua-de-vaca-branca, mato-gonçalo, ortiga, palha-renda, pega-saia, rafa-saia, rapa--saia, urtiga (Duarte *et al.,* 2022).

Usos: As folhas são usadas para a dor de dentes e infusão contra a asma (Lima, 2013). Em Cabo Verde é, também, usada como forrageira (Duarte *et al.,* 2022).

Estatuto de ameaça: *Forsskaolea procridifolia* está classificado segundo a "IUCN Red List of Threatened Species" como "Quase Ameaçada, NT" pelos critérios B1ab(ii)+2ab(ii) (Catarino *et al.,* 2017; Romeiras *et al.,* 2016).

ZYGOPHYLLACEAE

Fagonia cretica L.

Notas taxonómicas: Nesta publicação consideram-se os géneros *Fagonia* Tourn. ex L. [publicado em Sp. Pl.: 386 (1753)] e a *Tetraena* Maxim. [publicado em Enum. Pl. Mongolia: 129 (1889)] muito embora, de acordo com alguns autores [veja-se POWO e Govaerts et al. (2021)], os mesmos sejam sinónimos do género *Zygophyllum* L. [publicado em Sp. Pl.: 385 (1753)].

Distribuição mundial: Macaronésia (Canárias, Madeira, Açores e Cabo Verde), África (principalmente Norte de África), Sul da Europa (bacia mediterrânea), Médio Oriente e Sudoeste da Ásia.

Distribuição em Cabo Verde: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, Sal e Boavista.

Santa Luzia: A espécie distribui-se pelos planaltos litorais (chãs) onde coloniza as fendas rochosas e ou pequenas depressões preenchidas por sedimentos principalmente de carácter arenoso.

N.V.: Arroz-de-pardal, cabritaia-do-campo, matinho-de-agulhas (Duarte *et al.,* 2022).

Usos: Esta espécie apresenta interesse como forrageira em Cabo Verde (Duarte *et al.,* 2022). Enquanto medicinal, o uso mais destacado desta planta respeita ao extrato aquoso das partes aéreas, reportado como eficiente no tratamento de alguns cancros nas suas fases iniciais (Anjum et al., 2007). A planta é também usada em distúrbios digestivos e circulatórios (Anjum *et al.,* 2007; Qureshi *et al.,* 2016).

ZYGOPHYLLACEAE

Fagonia latifolia Delile

Notas taxonómicas: Apesar de na bibliografia *Fagonia mayana* Schltdl. (= *Zygophyllum mayanum* (Schltdl.) Christenh. & Byng) ser, frequentemente, considerada como sinónimo de *Fagonia latifolia* opta-se, nesta publicação, por considerar dois taxa separados, sendo que *Fagonia mayana* ocorre apenas nas ilhas de Santiago e Fogo e é endémica de Cabo Verde (Rivas-Martínez et al., 2017). *Fagonia* é um género cuja delimitação taxonómica (espécies e níveis intraespecíficos) é notoriamente difícil (Bjorn-Axel, 2003) e relativamente à qual existe grande discussão e opiniões divergentes.

Distribuição mundial: Territórios áridos e semiáridos de África (África do Norte, Sudeste de África e Sudoeste de África), Cabo Verde e Iémen.

Distribuição em Cabo Verde: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, Sal, Boavista e Maio.

Santa Luzia: A espécie distribui-se pelas extensas plataformas lávicas litorais, cobertas por detritos mais ou menos angulosos, por vezes com alguma areia eólica. Contudo a espécie encontra-se ausente em áreas de maior espessura de areias, principalmente nas praias e dunas. É mais frequente nos planaltos litorais subindo, ainda assim, pelas vertentes inclinadas dos complexos vulcânicos até altitudes de 300 m.

N.V.: Cabaceira, matinho (Duarte *et al.,* 2022).

Usos: O género *Fagonia* é amplamente conhecido pela utilização das diversas espécies na medicina popular. Tradicionalmente são conhecidas pelo tratamento de hemorróidas, inflamações, feridas, lepra, feridas abertas e febre. Os diversos taxa do género *Fagonia* são, ainda, conhecidos pelas propriedades anti-inflamatórias, analgésicas, antipiréticas e trombóticas (Puri & Bhandari, 2014). Em Cabo Verde esta planta apresenta, também, interesse forrageiro (Duarte *et al.,* 2022).

ZYGOPHYLLACEAE

Tetraena simplex (L.) Beier & Thulin.

Distribuição mundial: Espécie anual suculenta, halófita, com ampla distribuição mundial (Ásia Ocidental e África). Distribui-se por territórios áridos e semiáridos em formações estépicas, frequentemente arbustivas.

Distribuição em Cabo Verde: O taxon ocorre em todas as ilhas do arquipélago de Cabo Verde.

Santa Luzia: Em Santa Luzia este taxon é relativamente abundante principalmente nas coberturas arenosas das extensas plataformas litorais. A espécie ocorre, também, com frequência nas dunas. Como terófito a planta está dependente da ocorrência de chuva na germinação das sementes, pelo que nem sempre é possível observar a sua presença em abundância. Em final de abril de 2022 foi possível observar uma grande cobertura desta planta devido ao fato de ter ocorrido alguma precipitação no início do ano de 2022.

N.V.: Arroz-de-tchintchirrote.

Usos: Na Península Arábica é usada como antioxidante e anti-inflamatório (Abdallah & Esmat, 2017).

ZYGOPHYLLACEAE

Tetraena vicentina Rivas Mart., Lousã, J.C. Costa & Maria C. Duarte

Notas taxonómicas: Até à descrição de *T. vicentina* (endemismo cabo-verdiano) por Rivas-Martínez *et al.,* (2017) os espécimes de Cabo Verde eram considerados como *Tetraena fontanesii* (Webb & Berthel) Beirr. & Thulin (=*Zygophyllum fontanesii* Webb & Berthol.), com distribuição macaronésica e noroeste africana (Lanzarote, Fuerteventura, Gran Canaria, Tenerife, La Gomera, El Hierro); Cabo Verde (Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Santiago, Fogo); Selvagens (Selvagem Grande, Selvagem Pequena, Ilhéu de Fora), Marrocos, Sahara, Mauritânia (Pérez de Paz & Hernández Padrón, 1999).

Distribuição mundial: Taxon endémico de Cabo Verde.

Distribuição em Cabo Verde: São Vicente e Santa Luzia.

Santa Luzia: Em Santa Luzia ocorre associado ao extenso campo dunar no litoral setentrional da ilha. Ocorre, também, nas dunas (embora pouco extensas) no sector ocidental da ilha. Nas areias, o taxon está representado por extensas populações, as quais desempenham um importante papel na construção e estabilização das dunas, gerando uma grande quantidade de dunas em forma de cauda de cometa. A espécie é ainda frequente na plataforma litoral do campo de lavas recente situado no sector noroeste da ilha, na Chã de Tope de Água Doce. Neste sector, próximo das arribas ou mesmo nos sectores onde esta é menos inclinada, já sujeita aos salpicos das ondas, a espécie ocorre quase de forma exclusiva, contrastando com o negro do basalto.

Usos: O taxon afim *Tetraena fontanesii* é considerado uma planta comestível, com propriedades dérmicas, as folhas e extremidades são usadas em forma de sumo, salada e cataplasma (Pérez de Paz & Hernández Padrón, 1999).

ZYGOPHYLLACEAE

Tribulus cistoides L.

Distribuição mundial: Taxon subcosmopolita distribuindo-se, fundamentalmente, pelos territórios áridos e semiáridos da zona intertropical. Apresenta-se como invasora em diversas partes do mundo.

Distribuição em Cabo Verde: A espécie é considerada como introduzida em Cabo Verde e ocorre em Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Maio e Santiago.

Santa Luzia: O taxon é relativamente vulgar nas plataformas litorais lávicas (chãs) principalmente quando atapetadas de sedimentos (leques aluviais e/ou depósitos eólicos). Nos sectores de maior altitude a espécie desaparece.

N.V.: Abrolhos, abroio, abreodjo, abre-olho, abriolha, abrochona, abrolho.

Usos: A planta é usada na medicinal tradicional como forma de combater a dor de cabeça, distúrbios nervosos e constipações. Foi isolado um constituinte com interesse farmacológico "saponina esteroide cardioativa" (Achenbach *et al.*, 1994).

Bibliografia

Abdallah, H. M., & Esmat, A. (2017). Antioxidant and anti-inflammatory activities of the major phenolics from *Zygophyllum simplex* L. Journal of Ethnopharmacology, 205, 51–56. https://doi.org/10.1016/j.jep.2017.04.022

Achenbach, H., Hübner, H., Brandt, W., & Reiter, M. (1994). Cardioactive steroid saponins and other constituents from the aerial parts of *Tribulus cistoides*. Phytochemistry, 35(6), 1527–1543. https://doi.org/10.1016/S0031-9422(00)86890-9

Al-Laith, A. A., Alkhuzai, J., & Freije, A. (2019). Assessment of antioxidant activities of three wild medicinal plants from Bahrain. Arabian Journal of Chemistry, 12(8), 2365–2371. https://doi.org/10.1016/j.arabjc.2015.03.004

Aldasoro Martín, J., Blanca López, G., Foley, M., Hedge, I., Paiva, J., Sáez i Goñalons, L., & Sales, M. F. (2001). Vol. XIV. Myoporaceae-Campanulaceae. In J. Paiva, F. Sales, I. C. Hedge, C. Aedo, J. J. Aldasoro, S. Castroviejo, A. Herrero, & M. Velayos (Eds.), Flora iberica. Plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares. (p. 251). Real Jardín Botánico, CSIC.

Almeida, C., Freitas, R., Lopes, E., Melo, T., & Afonso, C. (2015). Marine Biodiversity. In R. Vasconcelos, R. Freitas, & C. J. Hazevoet (Eds.), The Natural History of Desertas Islands (pp. 82–119). Global Environment Facility Small Grants Programme – Sociedade Caboverdiana de Zoologia.

Alves, L. M. (1987). Condições climáticas de Cabo Verde: seu reflexo na produção agrícola de sequeiro. Revista de Investigação Agrária, série A(2), 21–23.

Amaral, I. do. (1964). Santiago de Cabo Verde: a terra e os homens. Memórias da Junta de Investigações do Ultramar, 2a Série (24), 1–444.

Anjum, M. I., Ahmed, E., Jabbar, A., Malik, A., Ashraf, M., Moazzam, M., & Rasool, A. (2007). Antimicrobial Constituents from *Fagonia cretica*. Chemical Society of Pakistan, 29(6), 634–639.

Babau, M. C. (1983). Evolution de la pluie annuelle de 1885-1983 a la station de Praia, île de Santiago. Centro de Estudos Agrários.

Bakr, R. O., El-Behairy, M. F., Elissawy, A. M., Elimam, H., & Fayed, M. A. A. (2021). New Adenosine Derivatives from *Aizoon canariense* L.: In Vitro Anticholinesterase, Antimicrobial, and Cytotoxic Evaluation of Its Extracts. Molecules, 26(5), 1198. https://doi.org/10.3390/molecules26051198

Barrow, S. C. (1998). A Monograph of *Phoenix* L. (Palmae: Coryphoideae). Kew Bulletin, 53(3), 513. https://doi.org/10.2307/4110478

Bjorn-Axel, B. (2003). Phylogeny and Taxonomy of subfamily Zygophylloideae (Zygophyllaceae) with Special Refence to the Genus *Fagonia*. University of Upsala.

Branco, I. (2010). Estudo dos extractos biologicamente activos de *Salvia sclareoides* Brot. e de *Asteriscus vogelii* (Webb.) Walp. e pesquisa dos seus princípios activos. Universidade de Lisboa.

Brooke, M., & Donald, P. (2015). The Raso Lark. In R. Vasconcelos, R. Freitas, & C. J. Hazevoet (Eds.), The Natural History of Desertas Islands (pp. 244–275). Global Environment Facility Small Grants Programme – Sociedade Caboverdiana de Zoologia.

Burkill, H. (2000). The useful plants of west tropical Africa. Families M-R. (2a). Royal Botanic Gardens, Kew.

Brochmann, C.; Rustan, Ø. H.; Kilian, N. & Lobin, W. (1997). The endemic vascular plants of the Cape Verde Islands, W Africa. Sommerfeltia, 27, 1–359.

Catarino, S., Duarte, M. C., & Romeiras, M. M. (2017a). *Asparagus squarrosus*. The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T107378200A107468062. https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-3.RLTS.T107378200A107468062.en

Catarino, S., Duarte, M. C., & Romeiras, M. M. (2017b). *Echium stenosiphon*. The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T107425945A107468172. https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-3.RLTS.T107425945A107468172.en

Catarino, S., Duarte, M. C., & Romeiras, M. M. (2017c). *Euphorbia tuckeyana*. The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T107426286A107468192. https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-3.RLTS.T107426286A107468192.en

Catarino, S., Duarte, M. C., & Romeiras, M. M. (2017d). *Forsskaolea procridifolia*. The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T107426334A107468202. https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-3.RLTS.T107426334A107468202.en

Catarino, S., Duarte, M. C., & Romeiras, M. M. (2017e). *Helianthemum gorgoneum*. The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T107426669A107468217.

Catarino, S., Duarte, M. C., & Romeiras, M. M. (2017f). *Kickxia elegans*. The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T107426766A107468227.

Catarino, S., Duarte, M. C., & Romeiras, M. M. (2017g). *Limonium brunneri* The IUCN Red List of

Threatened Species 2017: e.T110610252A110610255. http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-3.RLTS.T110610252A110610255.en

Catarino, S., Duarte, M. C., & Romeiras, M. M. (2017h). *Paronychia illecebroides*. The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T107427868A107468312. https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-3.RLTS.T107427868A107468312.en

Catarino, S., Duarte, M. C., & Romeiras, M. M. (2022i). *Polycarpaea gayi*. The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T107428130A107468332. https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-3.RLTS.T107428130A107468332.en

Chevalier, A. (1935). Les Iles du Cap Vert. Géographie, biogéographie, agriculture. Flore. Revue de Botanique Appliquée et d'Agriculture Coloniale, 15: 733–1090.

Correia, E. (1996). Contribuições para o conhecimento do clima de Cabo Verde. Garcia de Orta, Sér. Geogr, 15(2), 81–107.

Costa, J. C., Capelo, J., Neto, C., Duarte, C., & Vitória, S. (2017a). Guia da excursão geobotânica à Ilha de Santiago Geobotanical excursion guide of Santiago Island (Cape Verde). Quercetea, 11, 25–100.

Costa, J. C., Neto, C., Romeiras, M., Dinis, H., & Duarte, M.C. (2017a). Guia da excursão geobotânica à Ilha do Fogo Geobotanical excursion guide to Fogo Island (Cape Verde). Quercetea, 11, 101–170.

Cótchico, M., Coronel, M., & Eumenio, S. (2014). Petrology and geochemistry of the Old Edifice of Santa Luzia island (Cape Verde Archipelago). Geogaceta, 56, 79–82.

Duarte, M. C., Gomes, I., Catarino, S., Brilhante, M., Gomes, S., Rendall, A., Moreno, Â., Fortes, A. R., Ferreira, V. S., Baptista, I., Dinis, H., & Romeiras, M. M. (2022). Diversity of Useful Plants in Cabo Verde Islands: A Biogeographic and Conservation Perspective. Plants, 11(10), 1313. https://doi.org/10.3390/plants11101313

Duarte, M.C.; Rego, F.; Moreira, I. (2005). Distribution patterns of plant communities on Santiago Island, Cape Verde. J. Veg. Sci., 16, 283–292.

Duarte, M. C., Rego, F., Romeiras, M. M., & Moreira, I. (2008). Plant species richness in the Cape Verde Islands — eco-geographical determinants. Biodiversity and Conservation, 17(3), 453–466. https://doi.org/10.1007/s10531-007-9226-y

Duarte, M., Rego, F., & Moreira, I. (2005). Distribution patterns of plant communities on Santiago Island, Cape Verde. Journal of Vegetation Science, 16: 283–292.

Elhidar, N., Soulaimani, B., Goehler, A., Bohnert, J. A., Abbad, A., Hassani, L., & Mezrioui, N.-E. (2021). Chemical composition, antibacterial activity and effect of *Rhus albida* Schousb essential oil on the inhibition of NorA efflux pump in *Staphylococcus aureus*. South African Journal of Botany, 142, 19–24. https://doi.org/10.1016/j.sajb.2021.05.025

Fayed, M. A. A. (2021). *Heliotropium*; a genus rich in pyrrolizidine alkaloids: A systematic review following its phytochemistry and pharmacology. Phytomedicine Plus, 1(2), 100036. https://doi.org/10.1016/j.phyplu.2021.100036

Ferreira, D. de B. (1987). La crise climatique actuelle dans l'archipel du cap vert quelques aspects du problème dans l'ile de Santiago. Finisterra, XXII(43), 113–152.

Freitas, R., Hazevoet, C., & Vasconcelos, R. (2015). Geography and Geology. In R. Vasconcelos, R. Freitas, & C. J. Hazevoet (Eds.), The Natural History of Desertas Islands (pp. 14–37). Global Environment Facility Small Grants Programme – Sociedade Caboverdiana de Zoologia.

Govaerts, R., Nic Lughadha, E., Black, N., Turner, R., & Paton, A. (2021). The World Checklist of Vascular Plants, a continuously updated resource for exploring global plant diversity. Scientific Data, 8(1), 1-10. https://doi.org/10.1038/s41597-021-00997-6.

GBIF.org (2021), GBIF Home Page. Available from: https://www.gbif.org [20 março 2022].
Gomes, S. (1994). Nomes vernáculos e vulgares de plantas de Cabo Verde. Garcia de Orta, Sér. Bot., 12: 127–150.

Gomes, I., Gomes, S., Vera-Cruz, M., Kilian, N., Leyens, T., & Lobin, W. (1995). Plantas endémicas e árvores indígenas de Cabo Verde. Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário. Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ) GmbH - Cooperação Técnica Alemã.

Gonçalves, D. da S. (2015). Cartografia Geológica Digital em SIG. Aplicação à Ilha de Santa Luzia, Arquipélago de Cabo Verde. Universidade de Lisboa.

Hazevoet, C. J. (2015). Breeding Birds. In R. Vasconcelos, R. Freitas, & C. J. Hazevoet (Eds.), The Natural History of Desertas Islands (pp. 206–243). Global Environment Facility Small Grants Programme – Sociedade Caboverdiana de Zoologia.

Kumar, S. V., Kumar, R. S., Sudhakar, P., & Baskar, N. (2020). Antioxidant, Antinociceptive and Anti-inflammatory activities of *Rhynchosia minima* (L) DC. Research Journal of Pharmacy and Technology, 13(4), 1855. https://doi.org/10.5958/0974-360X.2020.00334.0

Li, Q.-Y., Munawar, M., Saeed, M., Shen, J.-Q., Khan, M. S., Noreen, S., Alagawany, M., Naveed, M., Madni, A., & Li, C.-X. (2022). *Citrullus colocynthis* (L.) Schrad (Bitter Apple Fruit): Promising Traditional Uses, Pharmacological Effects, Aspects, and Potential Applications. Frontiers in Pharmacology, 12. https://doi.org/10.3389/fphar.2021.791049

Lima, I. (2013). Medicinal and aromatic plants of Cape Verde: characterization of volatile metabolites of endemic and native species. Universidade de Coimbra.

Lobin, W. (1986). Zur Flora der Kapverdischen Inseln Branco und Razo. Courier Forschungsinstitut Senckenberg, 81, 179–180.

Lobin, Wolfram. (2015). Vegetation. In R. Vasconcelos, R. Freitas, & C. J. Hazevoet (Eds.), The Natural History of Desertas Islands (pp. 120–139). Global Environment Facility Small Grants Programme – Sociedade Caboverdiana de Zoologia.

Melo, J., Melo, J., Cabral, J. J., & Loura, I. C. de. (2015). Human Presence. In R. Vasconcelos, R. Freitas, & C. J. Hazevoet (Eds.), The Natural History of Desertas Islands (pp. 38–61). Global Environment Facility Small Grants Programme – Sociedade Caboverdiana de Zoologia.

Mohammed, S. A. A., Khan, R. A., El-Readi, M. Z., Emwas, A.-H., Sioud, S., Poulson, B. G., Jaremko, M., Eldeeb, H. M., Al-Omar, M. S., & Mohammed, H. A. (2020). *Suaeda vermiculata* Aqueous-Ethanolic Extract-Based Mitigation of CCl4-Induced Hepatotoxicity in Rats, and HepG-2 and HepG-2/ADR Cell-Lines-Based Cytotoxicity Evaluations. Plants, 9(10), 1291. https://doi.org/10.3390/plants9101291

Neto, C., Costa, J. C., Figueiredo, A., Capelo, J., Gomes, I., Vitória, S., Semedo, J. M., Lopes, A., Dinis, H., Correia, E., Duarte, M. C., & Romeiras, M. M. (2020). The role of climate and topography in shaping the diversity of plant communities in Cabo Verde Islands. Diversity, 12(2). https://doi.org/10.3390/d12020080

Nirmala, C., & Sridevi, M. (2021). Ethnobotanical, phytochemistry, and pharmacological property of *Waltheria indica* Linn. Future Journal of Pharmaceutical Sciences, 7(1), 14. https://doi.org/10.1186/s43094-020-00174-3

Omar, M., De Feo, J., & Youngken, H. W. (1983). Chemical and Toxicity Studies of *Trichodesma*

africanum L. Journal of Natural Products, 46(2), 153–156. https://doi.org/10.1021/np50026a001

Paiva, J.; Martins, E.; Diniz, M.A.; Moreira, I.; Gomes, I.; Gomes, S. (Eds.) (1995). Flora de Cabo Verde, Fascicles 2, 3, 9, 10, 12, 13, 16, 19, 23, 25, 27, 30, 31, 33, 37, 38, 46, 49, 51, 52, 56, 66,69, 74, 80, 88, 59; Instituto de Investigação Científica Tropical: Lisboa, Portugal; Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário: Praia, Cape Verde.

Paiva, J.; Martins, E.; Diniz, M.A.; Moreira, I.; Gomes, I.; Gomes, S. (Eds.) (1996). Flora de Cabo Verde, Fascicles 17, 22, 24, 32, 43, 54, 55, 63a, 64, 72, 77, 78, 85, 67; Instituto de Investigação Científica Tropical: Lisboa, Portugal; Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário: Praia, Cape Verde.

Paiva, J.; Martins, E.; Diniz, M.A.; Moreira, I.; Gomes, I.; Gomes, S. (Eds.) (2002). Flora de Cabo Verde, Fascicles 5, 8, 11, 14, 20, 21, 28, 29, 34, 41, 44, 47, 61, 62, 63, 65, 70, 70a, 71, 75, 83, 87, 94, 96, 101, 102, 103, 104, 106; Instituto de Investigação Científica Tropical: Lisboa, Portugal; Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário: Praia, Cape Verde.

Pérez de Paz, P. L., & Hernández Padrón, C. (1999). Plantas Medicinales o Útiles en la Flora canaria: aplicaciones populares. Francisco Lemus Editor.

Powo.science.kew.org/ (2022). POWO Home Page. Available from: https://powo.science.kew.org/taxon/urn:lsid:ipni.org:names:41749-1 [20 outubro de 2022]

Puri, D., & Bhandari, A. (2014). *Fagonia*: A potential Medicinal Desert Plant. Journal of NPA, XXVII(1), 28–33.

Qureshi, H., Asif, S., Ahmed, H., Al-Kahtani, H. A., & Hayat, K. (2016). Chemical composition and medicinal significance of *Fagonia cretica*: a review. Natural Product Research, 30(6), 625–639. https://doi.org/10.1080/14786419.2015.1036268

Ribeiro, O. (1954). A Ilha do Fogo e as suas erupções (1a Edição). Junta de Investigações do Ultramar.

Rivas-Martínez, S., Lousã, M., Costa, J. C., & Duarte, M. C. (2017). Geobotanical survey of Cabo Verde Islands (West Africa). International Journal of Geobotanical Research, 7, 1–103.

Romeiras, M. M., Catarino, S., Gomes, I., Fernandes, C., Costa, J. C., Caujapé-Castells, J., & Duarte, M. C. (2016). IUCN Estatuto de ameaça: Towards a global strategy for plant conservation in Macaronesia. Botanical Journal of the Linnean Society, 180(3), 413–425.

Romeiras, M. M., Catarino, L., Torrão, M. M., & Duarte, M. C. (2011). Diversity and origin of medicinal exotic flora in Cape Verde Islands. Plant Ecology and Evolution, 144(2), 214–225. https://doi.org/10.5091/plecevo.2011.560

Romeiras, M. M., Catarino, L., Torrão, M. M., & Duarte, M. C. (2013). Diversity and origin of medicinal exotic flora in Cape Verde Islands. Scripta Botanica Belgica, 50(2), 369–380.

Romeiras, M. M., Cotrim, H. C., Duarte, M. C., & Pais, M. S. (2007). Genetic diversity of three endangered species of *Echium* L. (Boraginaceae) endemic to Cape Verde Islands. Biodiversity and Conservation, 16(2), 547–566.

Roque, S. M. (2010). Proposta do Plano de Gestão da Reserva Natural Marinha de Santa Luzia, Ilhéus Brancos e Raso (M.A.D.R.R.).

Salehi, B., Mnayer, D., Özçelik, B., Altin, G., Kasapolu, K. N., Daskaya-Dikmen, C., Sharifi-Rad, M., Selamoglu, Z., Acharya, K., Sen, S., Matthews, K. R., Fokou, P. V. T., Sharopov, F., Setzer, W. N., Martorell, M., & Sharifi-Rad, J. (2018). Plants of the Genus *Lavandula*: From Farm to Pharmacy. Natural Product Communications, 13(10), 1934578X1801301. https://doi.org/10.1177/1934578X1801301037

Sánchez-Pinto, L., Rodríguez, M. L., Rodríguez, S., Martín, K., Cabrera, A., & Marrero, M. C. (2005). Spermatophyta. In M. Arechavaleta, N. Zurita, M. M.C., & J. L. Martín (Eds.), Lista preliminar de especies silvestres de Cabo Verde (hongos, plantas y animales terrestres) (pp. 40–57). Consejería de Medio Ambiente y Ordenación Territorial, Gobierno de Canarias.

Sukhorukov, A., Nilova, M., Erst, A., Kushunina, M., Baider, C., Verloove, F., Salas-Pascual, M., Belyaeva, I., Krinitsina, A., Bruyns, P., & Klak, C. (2018). Diagnostics, taxonomy, nomenclature and distribution of perennial *Sesuvium* (Aizoaceae) in Africa. PhytoKeys, 92, 45–88. https://doi.org/10.3897/phytokeys.92.22205

Taha, D., Bourais, I., El Hajjaji, S., Bouyahya, A., Khamar, H., & Iba, N. (2022). Traditional Medicine Knowledge of Medicinal Plants Used in Laayoune Boujdour Sakia El Hamra Region, Morocco. Journal of Herbs, Spices & Medicinal Plants, 1–19. https://doi.org/10.1080/10496475.2022.2068723

Uphof, J. C. (1968). Dictionary of Economic Plants (2nd ed.). Cramer, Wiirzburg.

Vasconcelos, R. (2015). Terrestrial Reptiles. *In* R. Vasconcelos, R. Freitas, & C. J. Hazevoet (Eds.), The Natural History of Desertas Islands (pp. 140–177). Global Environment Facility Small Grants

Programme – Sociedade Caboverdiana de Zoologia.

WFO (2022). World Flora Online. Published on the Internet; http://www.worldfloraonline.org.

AUTORES

Carlos Neto. Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa, Edifício IGOT, Rua Branca Edmée Marques, 1600-276 Lisboa, Portugal.

Frédéric Bioret. Laboratoire Géoarchitecture, Université de Bretagne Occidentale. Université de Brest, 6 Avenue Victor Le Gorgeu, 29238 Brest, France.

Herculano Dinis. Associação Projeto Vitó, Xaguate, S. Filipe CP 47, Cabo Verde.

Isildo Gomes. Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário (INIDA), São Jorge dos Órgãos, Praia CP 84, Santiago, Cabo Verde.

José Carlos Costa. Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food (LEAF), Associate Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia (ISA), Universidade de Lisboa, Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa, Portugal.

Maria Cristina Duarte. Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes (cE3c) & Global Change and Sustainability Institute (CHANGE), Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, 1749-016 Lisboa, Portugal.

Maria Manuel Romeiras. Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food (LEAF), Associate Laboratory TERRA, Instituto Superior de Agronomia (ISA), Universidade de Lisboa, Tapada da Ajuda, 1349-017 Lisboa, Portugal & Centre for Ecology, Evolution and Environmental Changes (cE3c) & Global Change and Sustainability Institute (CHANGE), Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, 1749-016 Lisboa, Portugal. Academia das Ciências de Lisboa, R. Academia das Ciências 19, 1200-168 Lisboa, Portugal.

Samuel Gomes. Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário (INIDA), São Jorge dos Órgãos, Praia CP 84, Santiago, Cabo Verde.

Silvana Roque. Direção Nacional do Ambiente, Ministério da Agricultura e Ambiente, Cabo Verde.

AGRADECIMENTOS

Os editores agradecem à Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT, Portugal) pelo apoio financeiro através de fundos nacionais FCT/MCTES (PIDDAC):

Unidades de investigação / Laboratórios Associados
LEAF - Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food (UIDB/04129/2020), Associate Laboratory TERRA, Portugal.
cE3c - Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (UIDB/00329/2020), Global Change and Sustainability Institute (CHANGE), Portugal.
CEG - Centro de Estudos Geográficos (UIDB/00295/2020), Associate Laboratory TERRA, Portugal.

Este livro destina-se a todos os que de alguma forma se dedicam ao estudo da flora, vegetação e biogeografia dos ambientes áridos e semiáridos tropicais de África e principalmente do Arquipélago de Cabo Verde. Apresenta, de forma inédita, uma aproximação às comunidades vegetais desta ilha, maioritariamente exclusivas de Cabo Verde, e constitui o primeiro degrau de uma futura publicação sobre as comunidades vegetais e biogeografia deste arquipélago. Esta publicação pretende, também, ser um guia ilustrado da flora vascular da ilha de Sta. Luzia, com especial ênfase na flora endémica a qual é partilhada principalmente com as ilhas mais próximas (St. Antão, São Vicente e São Nicolau). A publicação deste guia ilustrado pretende fazer uma divulgação da importante flora cabo-verdiana (fundamentalmente dos seus endemismos) e ajudar na sua identificação. Desta forma pretende-se preencher um campo de enorme relevância como é o da divulgação do importantíssimo património natural das ilhas de Cabo Verde onde se acantonaram e especiaram animais e vegetais, hoje únicos na natureza, e que são fundamentais no entendimento da história natural de África.

ISA Press